O ÉCHO D'ALÊM-TUMULO

MONITOR

D'O SPIRITISMO 'N-O BRAZIL.

ANNO I N.º 6 MAIO, 1870

O Spiritismo não é obra d'o demonio.

I

O ABBADE LACORDAIRE E AS MESAS GYRANTES.

Eis ainda uma prova irrefragavel d'a não intervenção d'o demonio 'n-as communicações spiriticas, que se-encontra em uma carta d'o abbade Lacordaire, dirigida á Sra. Swetchine, datada de Flavigny, em 29 de junho de 1853, extrahida de sua cor espondencia publicada em 1865.

« Ten les vós visto gyrar e ouvido fallar mesas?—Eu deixei « de vêl-as gyrar como cousa mui simples, porêm eu ouvi e fiz « *fallar* algumas. Ellas me-disseram cousas bastante notaveis « sobre o passado e o presente. Por mais extraordinario que « seja isso, é para um christão, que *acredita 'n-os Spiritos* um « phenomeno muito vulgar e de pouca importancia. *Houve* em « *todos os tempos* meios mais ou menos bizarros para *communi-* « *car-se com os Spiritos*; fazia-se todavia outr'ora um mysterio « d'esses procedimentos, como se-fazia um mysterio d'a chimi- « ca; a justiça, por execuções terriveis, rechaçava 'n-a sombra « essas extranhas praticas. Hoje em consequencia d'a liberdade « d'os cultos e publicidade universal, o que éra um segredo « tornou-se uma formula popular. Talvez queira Deos tambem « proporcionar o desinvolvimento d'as forças spirituaes ào de- « sinvolvimento d'as forças materiaes, afim de que não se-es- « queça o homem, em presença d'as maravilhas d'a mechanica, « que existem dous mundos inclusos un 'n-o outro: *o mundo d'os* « *corpos e o mundo d'os Spiritos* ».

Não é, pois, manifesto, pel-o que precede, que o abbade Lacordaire, tido por todos por uma d'as intelligencias superiores d'este seculo, acreditava 'n-o mundo invisil e 'n-as relações

d'o mesmo com o mundo visivel? Não menos certo é que para elle, em vez de serem as manifestações d'os Spiritos uma obra d'o demonio, antes as-considerava como uma obra essencialmente providencial, tendo por fim combater o materialismo.

Quanto á sua opinião, concernente ào phenomeno d'as mesas gyrantes, em que não via elle sinão uma cousa muito ordinaria, ainda que *lhe-tivessem dito cousas bastante notaveis*, não deve admirar à ninguem, visto a difficuldade de obter-se, por esse meio, communicações extensas e de certa importancia.

Com effeito, segundo a justa observação d'a *Revue Spirite*, si não existissem outros meios de communicação com os Spiritos, por certo que não se-acharia muito adiantada a sciencia spiritica; 'n-aquella epocha mal se-conhecia os mediuns escreventes, e não se-suspeitava o, que estava para sahir d'esse meio 'n-a apparencia tão pueril.

Oloron, 1870. C. Lieutaud.

II

O CARDIAL WISEMAN.

Publicàmos sem commentario o facto seguinte, referido pel-a *Patrie* de 18 de março 1865, relativamente ào cardial Wiseman, bem como as communicações spontaneas a que deu logar a leitura d'o mesmo, em uma reunião spirìta de Pariz. O leitor intelligente saberá tirar por si mesmo as graves conclusões, que resultam, naturalmente, d'esse facto importante e d'essas notaveis communicações. Não deixaremos comtudo de observar que não se-pode por modo nenhum pôr em duvida o facto, de que se-tracta, visto ser elle, precisamente, relatado por um *Jornal* inteiramente opposto á doutrina spiritica.

Eis, pois, simplesmente o artigo d'o jornal:

« O cardial Wiseman, que acaba de morrer em Inglaterra, « accreditava 'n-o Spiritismo. E' o que demonstra o facto se- « guinte, narrado pel-o *Spiritualist magazine*.

« Havia um bispo suspendido d'as funcções sacerdotaes dous « membros de sua egreja, por causa de suas tendencias ào Spiri- « tismo. O cardial tirou o interdicto e consentiu em que os dous « sacerdotes proseguissem em seos estudos e servissem como « mediuns, dizendo-lhes: *Creio eu proprio, firmemente, 'n-o Spi- « ritismo, e não poderia sêr um bom membro d'a Egreja, si tivesse « a menor dúvida à esse respeito.*»

Fôra lido e commentado esse artigo em uma reunião spirîta em casa d'o Sr. Delanne; hesitavam, porêm, em fazer a evocação d'o cardial, quando manifestou-se elle spontaneamente pel-as duas communicações seguintes:

I

O vosso desejo de evocar-me attrahiu-me para vós, e sou feliz em vir dizer-vos: meos queridos irmãos, sim, sobre a terra eu era Spirîta convencido. Eu tinha vindo com essas aspirações que não havia podido desenvolver, porêm que era feliz em vel-as desenvolvidas por outros. Eu era Spirîta, porque é o Spiritismo o caminho que conduz direitamente ào fim verdadeiro e á perfeição; Eu era Spirîta, porque reconhecia 'n-o Spiritismo a realisação de todas as prophecias, desde o principio d'o mundo até hoje; Eu era Spirîta porque é essa doutrina o desenvolvimento d'a religião, a explicação d'os mysterios e a marcha d'a humanidade inteira para Deos que é a unidade; Eu era Spirîta porque comprehendi que essa revelação dimanava de Deos, e que todos os homens sérios deviam ajudar a sua marcha, afim de poderem um dia, mutua e officiosamente, dar-se ás mãos; Eu era Spirîta, finalmente, porque o Spiritismo não anathematisa ninguem, e porque, conforme o exemplo de Christo, nosso divino modelo, acolhe—protege à todos, sem distincção de condição nem de culto. Eis porque eu era—Spirîta-christão.

O' meos queridos irmãos! que immenso favor concede o Senhor àos homens, enviando-lhes essa luz divina que lhes-abre os olhos, e lhes-mostra por um modo irrecusavel que alêm d'o tumulo existe certamente uma outra vida, e, que em vez de temer a morte, quando se-tem vivido conforme as vistas de Deos, deve-se bemdizel-a, quando vem livrar um d'entre nós d'as pesadas cadeias d'a materia!

Sim, existe essa vida que representam, constantemente, d'uma maneira tão espantosa; mas que não tem nada de penoso para as almas que, sobre a terra, observáram as leis d'o Senhor. Sim; aqui torna-se à encontrar os que se-tem amado sobre a terra; é uma mãe querida, uma mãe extremosa que vem congratular-se e receber-vos; são amigos que vêm auxiliar-vos para que vos-reconheçais, em vossa verdadeira patria, e que vos-descobrem todos os encantos d'a vida verdadeira, d'os quaes os d'a terra não são, sinão as tristes imagens.

Perseverae, queridos irmãos, em caminhardes 'n-a senda

bemdita d'o Spiritismo; oxalá não seja elle para vós uma palavra van; sirvam as manifestações que recebeis para ajudar-vos à subir n'o rude calvario d'a vida, afim de que, quando tiverdes chegado ào cimo d'elle, possais ir recolher os fructos de vida que vos-tiverdes preparado.

Eis o, que desejo para vós todos que estais me-escutando, e para todos os meos irmãos em Deos.

Aquelle que foi cardial

Wiseman.

(Medium Mme. Delanne.)

II

Meos amigos, porque não viria eu ter comvosco? Os sentimentos expressos, quando eu estava sobre vossa terra e que devem sêr os de todos os servidores de Deos e d'a verdade, hão de sêr para qualquer Spirita convencido, uma certeza de que usarei d'a graça que me-outorga o Senhor para vir instruir e guiar meos irmãos.

Oh! sim, meos amigos, é com grande satisfacção e reconhecimento para com aquelle, a quem devemos tudo, que venho exhortar à vós, que tendes a felicidade de serdes admittidos entre os obreiros d'o Senhor, para que persevereis 'n-a senda, em que intrastes; é ella, sinão a unica, pel-o menos a melhor, porque, si póde uma parte d'a humanidade operar sua salvação com a fé cega, sem cahir 'n-as ciladas e 'n-os perigos que ella offerece, com maioria de razão aquelles cuja fé acha-se fundada 'n-a razão e 'n-o amor de Deos, a quem vos-fazemos conhecer tal como é, devem conseguir a conquista d'a vida eterna 'n-o seio d'esse mesmo Deos.

Inclinae-vos, meninos, curvae a cabeça, pois vosso Deos, vosso pae está vos-abençoando. Glorificae-o, e amai-o eternamente!

Oremos junctos.

Wiseman assistido por S. Agostinho.

(Medium. M. Erambert, d'Aix.)

Nota.—Foram dictadas, simultaneamente, estas duas communicações, o que explica a assistencia de S. Agostinho 'n-a ul-

tima. Emquanto Wiseman fazia escrever um d'os mediuns, S. Agostinho fazia escrever outro, à quem transmittia o pensamento d'o cardial. Vê-se frequentes vezes Spiritos pouco adiantados, ou ainda 'n-a perturbação, não poderem exprimir-se sem o auxilio de um Spirito mais elevado, ahi, porêm, não é o mesmo caso; Wiseman acha-se bastante desembaraçado para mesmo exprimir por si suas idéas.

Obtiveram-se as duas seguintes communicações, em 24 de março, 'n-a sociedade de Pariz, sem evocação, depois d'a leitura d'as precedentes.

A quarta é uma appreciação d'os factos àcima mencionados pel-o Spirito de Lamennais:

III

Venho, meos amigos, confirmar minha communicação de segunda feira. Sou feliz em vir á uma sociedade, em que teria eu muito que dizer, e 'n-a qual tenho a certeza de que serei intendido. Oh! sim, será uma grande felicidade para mim o vêr desinvolver-se debaixo d'os olhos d'o mestre os progressos d'a doutrina sancta e regeneradora que ha de conduzir o mundo inteiro para seo destino divino.

Amigos, uni vossos esforços 'n-a obra que nos-está confiada, e sêde reconhecidos pel-o papel que o Creador de todas as cousas vos-tem distribuido.

Nunca poderieis fazer bastante para reconhecerdes o favor que vos-está fazendo; mas elle saberá apreciar vossa boa-vontade, vossa fé, vossa charidade e vosso amor para com vossos irmãos. Louvae-o; amae-o, e tereis a vida eterna.

Oremos junctos, meos charos amigos.

Wiseman.

(Med. M. Erambert d'Aix.)

IV

A religião spiritualista é a alma d'o christianismo; não se-deve esquecel-o. N-o meio d'o materialismo, d'o culto protestante e catholico, atreveu-se o cardeal Wiseman à proclamar a alma antes d'o corpo, o spirito antes d'a lettra. Essas especies de ousadias são raras 'n-os dous clerigos, e com effeito é um especta-

culo insolito o acto-de-fé spiritico d'o cardial Wiseman. Seria extranho, aliás, que um Spirito tão cultivado, tão elevado como o d'o eminente cardial, tivesse visto 'n-o Spiritismo uma fé rebelde àos ensinos d'a mais pura moral d'o christianismo; não podemos demasiadamente applaudir, nós Spirîtas, essa confiança livre de todo o respeito humano, de todo o escrupulo mundano. Não é acaso um estimulo a voz de um moribundo tão distincto? Não é uma predicção para o futuro? Não é uma promessa de que, com a boa vontade tão apregoada pel-o Evangelho, não ha sinão uma verdade contida 'n-a pratica d'a charidade—a crênça 'n-a immortalidade d'a alma? Outras vozes não menos augustas proclamam cada dia nossa immortal verdade. E' um *hosannah* sublime que cantam os homens visitados pel-o Spirito, *hosannah* tão puro, tão enthusiastico como o d'as almas visitadas por Jesus.

Nós mesmos, almas em soffrimento, não afastâmos de nós a lembrança que chega para nós, e 'n-o purgatorio, em que padecemos, escutâmos as vozes d'aquelles, que nos-fazem enxergar alêm.

Lamennais.

(Med. M. A. Didier).

Testemunho authorisado de que as almas d'os mortos podem voltar à este mundo para fazer revelações áos vivos.

—*Spiritus, qui vadit, redit? Aut non?*

—*A Lenda de S. Izabel Rainha de Portugal*, e o

—*Festim de Balthazar*—são trez artigos, que, seguidos d'o illustre nome d'o nosso illustrado e destinctissimo comprovinciano, o Sr. Conego Francisco Bernardino de Souza, encontrará o Leitor abrilhantando as paginas d'o *Jornal das Familias* de 1863, periodico que se-publica 'n-a capital d'o Imperio.

D'o primeiro d'esses tres artigos extrahimos os importantes factos authenticos, 'n-elle descriptos, de verdadeiras manifestações spiriticas; algumas d'ellas, observadas aqui 'n-a Bahia, e referidas por pessoas d'o alto criterio e d'a illustração d'o Venerando Arcebispo, Marquez de Santa Cruz, de immorredoura e saudosissima memoria—D. Romualdo Antonio de Seixas.

A justeza e imparcialidade, com que 'n-esse mencionado artigo são apreciados esses factos de manifestações d'alêm-tumulo, a descripção que d'elles ahi é feita, cheia de todas as bellezas de um estilo magnifico, impenharam-nos em transcrevel-os em sua integra.

Eil-os:

« Na analyse dos phenomenos d'alma quanta couza não escapa á nossa comprenhensão, ou antes, o que vem a ser a alma humana? Quem por ventura definiu-a, senão pela manifestação de seos effeitos? Quem explicará convenientemente, plausivelmente, os assombrosos effeitos do magnetismo, ou do mesmerismo? Não devemos lançar na conta de burlas, e falsidades, tudo quanto de extraordinario se nos conta ou vemos, e que a sciencia não tem dados para explicar. Ha bem poucos annos ninguem acreditava na electricidade; hoje loucura seria a descrença a respeito, e me parece que tambem os que vierem depois de nós, ainda que não possam explicar o mesmerismo, lhe não negarão a existencia, authenticada pelos seos assombrosos effeitos.

« Vai ainda o mundo em começo de sua educação scientifica; progressos bem importantes ha feito no dominio das sciencias positivas, na industria, e nas artes; no mundo metaphysico, porem, no mundo aereo, no mundo impalpavel, no mundo espiritual, pequeno, bem pequeno tem sido o seo desenvolvimento, parece que alguma cousa á que não pode resistir se oppõe as suas pesquizas, que voz imponente e mysteriosa, ao querer descerrar o véo e penetrar os arcanos insondaveis do horisonte metaphysico, brada-lhes solemne: D'aqui não passarás.

« Ousadia e imprudencia é negar *ex abrupto* aquillo que não comprenhendemos; como tambem loucura seria a credulidade completa a tudo quanto se nos conta, e até a tudo quanto vemos, quando sabemos que a imaginação humana poderosamente concorre para alterar e disvirtuar a verdade.

« No entanto, essa crença espalhada pela terra inteira, admittida não aqui ou ali, mas em toda parte, no oriente e no occidente, no norte e no sul, e que a sciencia não tem conseguido desvanecer, como o conseguiu a respeito de tantos erros e fabulas; essa crença universalmente espalhada, não merecerá as reflexões, não deverá ser o objecto das investigações e estudos de homens pensadores?

Meo fim, n'este breve artigo, não é discutir semelhante ponto; limitar-me-hei a contar alguns factos, que pessoas de bastante

criterio e illustração me referirão, e a apresentar outros de que andão recheados os livros.

....

« Poderia citar bastantes factos, limitar-me-hei, porem, á alguns, que tem todos os characteres de authentecidade.

« Em 185., occupava-me, na Bahia, de estudar semelhante questão, que muito me preocupava. A' cata de alguns livros que me podessem esclarecer, dirigi-me ao sabio e veneravel Snr. Arcebispo D. Romualdo, de saudoza memoria, e expuz-lhe meus desejos. Acolheu-me S. Ex. com aquella benevolencia que a Bahia inteira apreciava, e depois de fornecer-me diversas obras, teve a bondade de despender comigo algumas horas de conversação. S. Exc. não acreditava, mas tambem não negava os mysteriosos segredos do tumulo: tinha rasões pró e contra e seu espirito vacillava. Mas entre diversas historias que referio-me, ficou-me bem cravada a seguinte, que lhe dizia respeito pessoalmente:

« Era o anno de 18.., disse-me elle; uma noite, após algumas horas de aturada leitura, deitei-me fatigado e promptamente adormeci. Não sei que tempo havia dormido; subitamente acordei, porque senti ruido como de passos que se aproximavão. Abrindo os olhos pareceu-me distinguir um vulto... Seria sonho, illusão de meus sentidos? Não; reconheci bem distinctamente uma de minhas irmãas, que se achava no Pará. Vi-a olhar-me, ouvi-a balbuciar meu nome; depois esvaeceu-se a visão. Não pude conciliar mais o somno, levantei-me e orei. D'ahi á dias chegava o vapor do Norte, minha familia ficava bôa, mas as cartas que recebi tinhão data anterior á noite em que a visão appareceu-me. Pois bem, no proximo vapor minha familia escreveu-me; tinha morrido minha irmãa, justamente na noite, justamente na hora em que, acordado ou dormindo, lhe tinha visto o semblante.

« Um distincto ex-professor do lyceo da Bahia referiu-me tambem o seguinte facto:

« Minha mãe, disse-me elle, era amiga intima de uma excellente e respeitosa senhora. Um dia, em uma dessas intimas expansões de amisade, disse uma à outra:

« —Si eu morrer primeiro virei dar-lhe um signal, mas um signal que a não assuste; trar-lhe-hei uma roza.

«—Pois sim; se, porêm, fôr eu em primeiro logar, farei o mesmo.

Mezes depois separavão-se; o marido d'aquella senhora retirando-se para Portugal, teve ella de acompanhal-o.

« Passarão-se os dias e os mezes; nunca tivera minha mãe noticias d'ella. Um dia, porém, cosia em seu gabinete; achava-se completamente só. De repente pareceu-lhe ouvir como um gemido; ergueu os olhos e não vendo cousa alguma, voltou-se para a costura e ia continuar seu trabalho. Sôbre a almofada em que cosia estava uma roza linda e fresca, como se n'aquelle momento houvera sido cortada da haste.

« Assustada então sahiu do gabinete, indagou;—ninguem havia levado a roza.

« F.... morreu, disse ella, foi o signal que deu-me. E de facto... tinha morrido.

« Como qualificar estes dous factos; como explical-os? Mas na historia intima das familias não ha somente factos como estes: outros apparecem mais expressivos, mais palpaveis, por assim dizer. E quantos não sabeis, quantos não ouvistes narrar, vós que ledes estas linhas?

« Refere-nos a Biblia um d'estes factos e que tem sido commentado, analysado, explicado de todas as maneiras; mas de modo tal, que em vez de dissipar nossas duvidas a respeito d'esses mysteriosos segredos d'alêm-tumulo, mais os corrobora e fortifica.

« A sybilla d'Endor, a pedido de Saul, evoca a *sombra* de Samuel; o rei a vê, ouve-lhe a voz, conhece-lhe as feições; não ha duvida, é Samuel, é o propheta quem lhe falla. E' possivel quebrar o silencio da campa, evocar a sombra do finado.

Porque me vieste perturbar o somno no meu jazigo, diz o phantasma ao rei; porque queres saber os segredos do futuro?

« A não se querer negar a veracidade da Biblia, como explicar-se-ha este facto?

« Alem deste, quantos outros não ha por ahi, que todo o mundo conta, authenticados por mil testemunhas, scellados pela crença universal?

....

« Em uma obra de M. Collin de Plancy, publicada em 1845, com a autorisação de Mgr. Affre, arcebispo de Paris, li o seguinte e extraordinario facto:

« O Snr. Vidi, diz elle, refere assim uma historia d'espirito, acontecida em 1700. Em uma camara pouco retirada de outras, e onde costumava elle recolher doentes, começou a sentir extraordinaria bulha; ouviu a creada que gemião ao pé d'ella; no entanto nada viu. Cahindo doente, mandarão-na para caza de seu pae, voltando d'ahi a um mez. No dia immediato ao de sua

chegada queixou-se de novo de bulha extraordinaria que ouvia á noite, e dous ou trez dias depois, sentiu que puchavão-lhe pelas saias. N'esse dia tendo ido á egreja, ao entrar em caza, sentiu que a pucharão—com força tal, que foi obrigada a parar.

« O Snr. Vidi tremeu de susto. Passou-se isto em uma sexta feira. Na noite de domingo para segunda feira, apenas deitou-se, ouviu a creada passos de alguem que se aproximava, e depois horrorisada sentiu que mão gelada lhe tocava o semblante. Ergueu-se e pôz-se a orar. Havião-lhe dito, que se continuasse a ser inquietada, conjurasse o espirito, em nome de Deus, para que dissesse o que queria: fêl-o mentalmente, não tendo animo para fazel-o de viva voz. Ouviu murmurarem-lhe ao ouvido palavras que não comprenhendeu.

« Fizerão-na ir confessar-se. Ao voltar da egreja contou que apenas se ajoelhara para receber a communhão, vira junto a si o vulto de sua mãe que havia morrido ácerca de onze annos, que depois de commungar, se lhe pozera ella de joelhos, e tomando-lhe as mãos, dissera: « Não tenhas medo, minha filha, sou eu, » e pedira-lhe diversas cousas que promettera fazer.

« No dia seguinte procurou a moça cumprir a promessa que havia feito a mãe. Indo depois á egreja confessar-se e commungar. Ao sahir da egreja, appareceu-lhe ella ainda, dizendo-lhe.

« —Promettes-me, minha filha, fazer tudo quanto te pedi?

« —Sim, prometto.

« —Então confio em ti, e vou para a gloria eterna.

....

« O Doutor F. M. contou-me tambem o facto que se segue:

« Minha irmãa era casada com o desembargador J. Achava-se bem doente, mas não desesperavão ainda os medicos. Costumava eu ir vel-a todas as tardes. Era noite quando cheguei em casa; tinha a deixado tranquillamente adormecida, havendo passado bem n'aquelle dia.

Mais satisfeito do que em outros dias por vêr o caracter benigno que tomava a enfermidade, retirei-me para o meu quarto, e deitado comecei a ler.

Teria durado uma hora pouco mais ou menos a minha leitura, quando lançando por acaso os olhos para o lugar opposto á cabeceira da cama, reconheci minha irmãa.

Ergui-me; julgando-me victima de uma illusão, feichei os olhos, e depois abri-os. Era minha irmãa. Tinha o semblante pallido, mas de pallidez cadaverica, e trajava roupas brancas que a envolvião como um sudario.

Dei uma grito: e feichei os olhos. Veio gente, e tornei a mim; a visão tinha desaparecido.

« Pouco depois me mandavão dizer da parte de meu cunhado que minha irmãa havia expirado.

« A crença n'esses phenomenos do tumulo é mais geral do que se pensa, muitos a regeitão para não serem taxados de credulos e supersticiosos, e a maior parte, sem energia para reagir contra os gracejos e zombarias dos espiritos fortes não ousa discutir a credibilidade de semelhantes phenomenos.— (*Jornal das Familias de Junho de* 1863).»

Como se-vê, são factos conhecidos e apreciados antes d'o estabelecimento d'o Spiritismo 'n-o Brasil, e que hoje muito corroboram os, que subsequentemente têem sido observados e se-vão observando.

Parece que a Providencia em todo o tempo permittira a manifestação d'esses phenomenos, não só para lembrar constantemente ào homem a existencia d'o Spiritismo, e suas permanentes relações com os vivos, como para 'n-os tempos à esse fim destinados servirem de provas concludentes e insuspeitas ás verdades, que ensina a doutrina spiritica.

DR. IGNACIO JOSÉ D'A CUNHA.

Breve resposta

AOS DETRACTORES D'O SPIRITISMO

(Obras posthumas de Allan-Kardec)

O direito de exame e de critica é um direito imprescriptivel à que o Spiritismo nenhuma pretenção tem de subtrahir-se, como não tem a de satisfazer a toda a gente. Cada qual tem a liberdade de approval-o ou rejeital-o; mas seria pel-o menos conveniente discutil-o com conhecimento de causa: entretanto tem a critica dado demasiadas vezes provas de ignorancia à respeito de suas noções mais elementares, fazendo-o dizer exactamente o contrario d'aquillo que elle diz, attribuindo-lhe o, que elle reprova, confundindo-o com as imitações grosseiras e ridiculas d'o charlatanismo, dando, finalmente, como preceito geral, as excentricidades de alguns individuos. Demasiadas ve-

zes tambem, quiz a malevolencia tornal-o responsavel de actos reprehensiveis ou ridiculos, em que seo nome incidentemente achou-se mettido, fazendo-se d'isso uma arma contra elle.

Antes de acoimar uma doutrina de instigação à qualquer acto reprehensivel, requerem a razão e a equidade que se-examine, si existem 'n-essa doutrina maximas capazes de justificarem um similhante acto.

Para se-conhecer a parte de responsabilidade que cabe ào Spiritismo, em uma circumstancia determinada, ha um meio mui simples que consiste em informar-se *de boa fé*, não juncto àos adversarios, màs 'n-a propria fonte, d'o que elle está approvando ou reprovando. Acha-se a cousa tanto mais facil, quanto não tem nada de secreto; são publicos os seos ensinos, e pode cada qual examinal-os.

Si, pois, de um modo explicito e formal os livros d'a doutrina spiritica condemnam um acto justamente reprovado; si pel-o contrario somente encerram elles instrucções capazes de induzirem ào bem, é uma prova de que o individuo culpado de acção má 'n-elles não bebeu suas inspirações, ainda quando fosse elle possuidor d'esses livros.

Não é o Spiritismo mais solidario d'aquelles à quem apraz o dizerem-se spirîtas, como a sciencia medica não 'n-o-é d'os charlatães que d'ella se-aproveitam, nem tambem a san religião d'os abusos e até crimes perpetrados em seo nome. Elle não reconhece por seos adeptos sinão os, que põe em pratica seos ensinos, isto é, que trabalham em seo proprio amelhoramento moral, esforçando-se por vencer suas más inclinações, serem menos egoïstas e menos orgulhosos, mais mansos, mais humildes, mais pacientes, mais benevolos, mais charitativos para com o proximo, mais moderados em todas as cousas, visto como é este o caracteristico d'o verdadeiro spirîta.

Não tem por objecto esta breve noticia refutar todas as falsas allegações formuladas contra o Spiritismo, nem desenvolver ou provar todos os principios, e menos ainda procurar fazer acceitar suas idéas àos que professam opiniões contrarias, mas dizer, em algumas palavras, o, que elle é, e o, que elle não é; o, que admitte e o, que elle reprova.

Suas crenças, tendencias e fim resumem-se 'n-as seguintes proposições:

1.° O *elemento spiritual* e o *elemento material* são os dous principios, as duas forças vivas d'a natureza, completando-se e fazendo incessantemente reacção uma sobre a outra, reci-

procamente indispensaveis ambas ào andamento d'o mechanismo d'o universo.

D'a acção reciproca d'estes dous principios nascem phenomenos, que, cada um d'elles, isoladamente, achamo'-'n-os na impossibilidade de explicar.

A propria sciencia tem por missão especial o estudo d'as leis d'a materia.

O Spiritismo tem por objecto o estudo d'o *elemento spiritual* em suas relações com o elemento material, e acha 'n-a união d'esses dous principios a causa de inumeros factos até então inexplicados.

Anda o Spiritismo de accordo com a sciencia sobre o terreno d'a materia, admittindo todas as verdades que ella demonstra: màs onde param as indagações d'ella prosegue elle as suas sobre o terreno d'a spiritualidade.

2.° Sendo o elemento spiritual uma d'as forças d'a natureza, os phenomenos, que d'elle dependem, estão subjeitos à leis, e por-isso-mesmo inteiramente tão naturaes como os, que, unicamente têem sua origem 'n-a materia.

Certos phenomenos só foram reputados *sobrenaturaes* por ignorar-se as leis que os-regem. Em consequencia d'este principio, não admitte o Spiritismo o character miraculoso attribuido à certos factos, ainda que d'elles certifique a realidade ou a possibilidade. Para elle, não ha milagres, 'n-o sentido de derogaçõos d'as leis naturaes: d'onde se-segue que os spiritas não fazem milagres, e que é impropria a qualificação de thaumaturgos que algumas pessoas lhes-dão.

O conhecimento d'as leis, que regem o principio spiritual, liga-se directamente com a questão d'o passado e d'o futuro d'o homem. Acha-se sua vida limitada á existencia actual? Ao entrar 'n-este mundo sahe elle d'o nada, e torna a entrar 'n-o nada quando o-deixa? Já viveu e viverá ainda? *Como viverá e em que condições*? Em summa d'onde vem e para onde vae? Porque está sobre a terra, e porque 'n-ella soffre?—Taes são as questões que cada-qual faz comsigo mesmo, porque são para todos de um capital interesse, porque nenhuma doutrina d'ellas ainda deu uma solução racional. Aquella que dá o Spiritismo, fundada em factos, satisfazendo ás exigencias d'a logica e d'a justiça mais rigorosa, é uma d'as causas principaes d'a rapidez com que vae se-propagando.

Não é o Spiritismo nenhuma concepção individual, nem o resultado d'um systema d'antemão concebido. E' o producto de

milhares de observações feitas sobre todos os ponctos d'o globo, e que tem convergido para o centro que as-colligiu e coordenou. Todos os seos principios constituintes, sem excepção, são deduzidos d'a experiencia. A experiencia sempre precedeu á theoria.

Achou-se d'este modo o Spiritismo, desde o principio, com raizes em toda a parte; não offerece a historia exemplo nenhum de uma doutrina philosophica ou religiosa que, em dez annos, tenha reunido tão grande numero de adeptos; e não empregou, comtudo, para vulgarisar-se, nenhum d'os meios ordinariamente usados, propagou-se por si-mesmo pel-as sympathias que encontrou.

Um facto não menos certo é que, em paiz nenhum, principiou a doutrina 'n-as classes inferiores d'a sociedade; por toda a parte, propagou-se de cima para baixo d'a escala social; 'n-as classes eruditas é que ella está ainda quasi exclusimamente espalhada, e as pessoas illetradas acham-se 'n-ella em numero muito diminuto.

Acha-se ainda averiguado que a propagação d'o Spiritismo desde o principio seguiu uma marcha constantemente ascendente, não obstante tudo quanto se-fez para estorval-o e alterar seo character, com o fim de desacreditalo-o 'n-a opinião publica. Deve-se até notar que tudo quanto se-fez 'n-este intuito fovoreceu sua diffusão; o rumor que surgiu à seo respeito levou-o ão conhecimento de pessoas que d'elle nunca tinham ouvido fallar; quanto mais procurou-se calumnial-o ou rediculurisal-o, quanto mais violentas, foram as invectivas, tanto mais excitada foi a curiosidade publica; e visto ter elle só que ganhar com ser examinado, d'isso resultou que seos adversarios tornaram-se, sem querer, os seos ardentes propagadores; Si em cousa alguma prejudicáram-lhe as diatribes, é porque, estudando-o em sua fonte verdadeira, acháram-n-o inteiramente differente d'o modo porque o-tinham representado.

N-as luctas que elle teve de sustentar, as pessoas imparciaes levaram em conta sua moderação, não empregando nunca represalias para com seos adversarios, nem retribuindo injuria por injuria.

O Spiritismo é uma doutrina philosophica que tem consequencias religiosas como toda a philosophia spiritualista; por isso mesmo toca elle forçadamente 'n-às bases fundamentaes de todas as religiões: Deos, a alma e a vida futura; comtudo

não é uma religião constituida, visto não ter elle nem culto, nem rito, nem templo, e porque, entre seos adeptos, nenhum tomou nem recebeu o titulo de sacerdote ou de pontifice. São essas qualificações uma simples invenção d'a critica.

Basta para ser spirita sympathisar com os principios d'a doutrina, e com elles conformar sua conducta. E' uma opinião como qualquer, que cada-qual tem o direito de professar, assim como tem-se o direito de ser israelita, catholico, protestante, fourierista, san-simonio, voltairiano, cartesiano, deista e até materialista.

O Spiritismo proclama a liberdade de consciencia como um direito natural que reclama para os seos, como para toda a gente. Respeita elle todas as convicções sinceras, e para si pede a reciprocidade.

D'a liberdade de consciencia deriva o direito ào *livre exame* em materia de fé. O Spiritismo combate o principio d'a fé cega, por exigir d'o homem a abdicação de seo proprio juizo; elle diz que toda fé imposta é sem raiz. Por isso é que inscreve 'n-o numero de suas maximas: «*Não ha fé inabalavel, sinão a que pode encarar a razão em todas as epochas d'a humanidade.*»

Consequente com seos principios, o Spiritismo não se-impõe à ninguem; elle quer que o acceitem livremente e por convicção. Expõe suas doutrinas, e admitte os, que chegam-se à elle voluntariamente. Não procura desviar ninguem de suas convicções religiosas; não se-dirige àos que tem uma fé, e essa fé lhes-basta; màs dirige-se àquelles que não se-achando satisfeitos com aquillo que lhes-deram, procuram incontrar alguma cousa de melhor.

ALLAN KARDEC.

A vida eterna

II

NATUREZA D'A ALMA (*)

(*Traduzido d'o francez por* DIONISIO RODRIGUES D'A COSTA)

A difficuldade que experimentàmos em explicar que possa a alma incarnar-se 'n-um embryão, organisar o corpo que deve habitar, regel-o durante toda a duração de sua passagem sobre

(*) Vede o *Echo* n. 5.—Março de 1870.

a terra, depois desapparecer com o ultimo suspiro e attravessar 'n-um rapido instante os espaços consideraveis que separam dous mundos; a difficuldade, sobretudo, que experimentàmos em representar uma alma vivendo, independentemente d'o corpo terrestre, 'n-o espaço puro, e dotada d'a faculdade de transportar-se immediatamente de um astro à outro, e de transpôr immensas distancias com uma rapidez maior que a velocidade d'a luz e d'a electricidade, provêm de nossa propensão constante à assimilar a natureza d'os seres-spiritos a d'os seres-córpos.

Esta tendencia geral em verdade é perdoavel; porque apenas à um pequeno numero de annos começou a sciencia experimental à dar-nos algumas revelações sobre a essencia d'as cousas; ainda que estes estudos tenham ficado reservados ào circulo d'o pequeno numero de sabios que, em nossa epocha, estudam o universo com um espirito philosophico.

Pel-o estudo directo d'o calor em seos effeitos mechanicos chegou a physica contemporanea à verificar que o calorico não é constituido, como pensava-se, por um simples movimento vibratorio d'os atomos d'a materia, mas por um agente especial, que nada tem de commum com a materia.

A luz, a electricidade, a attracção, o magnetismo terrestre tampouco, não são movimentos d'a materia, mas agentes especiaes, absolutamente differentes d'os elementos constitutivos d'a materia.

A theoria que ensinava serem o calor, a luz, a electricidade, etc., modos diversos de movimento d'os atomos materiaes, e reunia todos estes agentes sob o titulo de unidade d'as fôrças physicas, supprimia, evidentemente, as mesmas fôrças, que ella queria explicar. Não havia mais, 'n-a realidade, forças existentes e activas; apenas havia a materia e seos movimentos. Esta theoria, pois, era, quer manifestamente como em Moleschott, Vogt, Virchow Buchner, quer indirectamente como em Grove, o P. Secchi, Tyndall, esta theoria, digo, era materialista, mesmo em sua essencia.

Eis agora ào contrario a sciencia experimental e em particular a *thermodynamica* e seo mais laborioso representante, G. A. Hirn, que demonstra que o calor é um agente real, ainda que não material; a luz um agente real ainda que não material; a electricidade, a attracção, agentes reaes ainda que não materiaes; em summa que estabelece haver 'n-o universo não só a materia ponderavel que tocâmos, vemos, sentimos, màs

ainda *outra cousa* que não é ponderavel, màs que existe tão realmente quanto a materia, e que vem à ser *as fôrças*.

Os sabios, em geral, e com maior razão o publico, tinham o costume de considerar a fòrça, quer a gravidade, quer o magnetismo, quer o calor, como uma especie de ser moral, uma pura concepção d'o pensamento. Entretanto preciso é comprehender-se. Ou a fôrça existe ou não existe. Si existe, deve ser alguma cousa real, que se-ache 'n-o espaço, bem como os proprios córpos. Por exemplo: a terra é mantida 'n-o espaço pel-o sol à trinta e oito milhões de leguas de distancia: um fructo desprendido de uma arvore cahe 'n-a superficie d'o solo; um pedaço de iman attrahe à si, sem tocal-o, um pedaço de ferro situado á uma certa distancia. Ora, estas fôrças, que obram assim, existem ou serão meros phenomenos devidos à propriedades occultas d'a materia? 'N-este ultimo caso a palavra fôrça deveria ser riscada de nossos diccionarios. Demonstra a sciencia experimental, applicando-se á dissecção d'a materia, que os córpos são formados de atomos physicos, reaes, ponderaveis, juxtapostos, entre os quaes ha intersticios; os atomos characteristicos de certas snbstancias foram por ella contados, como por exemplo a agua que, em seo maximo de densidade, tem nove decimos de atomos materiaes e um decimo de intersticios; ella mediu a força de cohesão d'os atomos e mostrou que, si um corpo, um pedaço de ferro, por exemplo, dilata-se pel-o calor, é porque seos atomos não se-tocam, e porque o calor augmenta os intersticios, e que, si um corpo contrahe-se pel-o frio, é por um processo contrario; até exprimiu a acção d'o calor, estabelecendo que a quantidade de calor, necessario para elevar um kilogramma de 0 à 1 grão represeuta identicamente o mesmo exforço que a quantidade de trabalho necessario para elevar a um metro um peso de 425 kilogrammas; demonstrou que a materia não é divisivel ào infinito tendo cada atomo um volume inalteravel, donde resulta que a elasticidade de uma bola de marfim, que pula sobre uma meza de marmore, é devida não àos atomos inertes, màs á *força*, que occupa seos interticios; emfim estabeleceu que o espaço infinito, em que acham-se disseminados os sóes e os mundos, é por toda parte ocoupado por alguma coisa que não tem nenhuma d'as qualidades d'a materia propriamente dita; que a fôrça rege a materia 'n-o infinitamente grande como 'n-o infinitamente pequeno, e que ella existe *como principio constituinte d'o universo* d'o mesmo modo que a materia.

Não cabe aqui demonstrar por equações algebricas o, que acabo de dizer; é meu dever simplesmente interpretar as ultimas descubertas d'a sciencia, que podem de algum modo esclarecer o problema, que nos-occupa. Vamos em seguida comprehender que immenso appoio nos-offerecem sobre isto as consequeucias d'a *thermodynamica*.

As *fôrças* que denunciam o espaço infinito não têem nenhuma d'as propriedades d'a materia; ellas são, segundo a expressão mathematica, de natureza transcendente. Nem o espaço nem o tempo tem sobre ellas a acção que têem sobre a materia, por que as forças não são submettidas á suas condições finitas: eis a razão porque são mallogrados todos os esforços destinados á pintar e a figurar a acção de uma força: aquillo que, por sua propria natureza, não tem fórma definida fica destruido desde que procuramos dar-lhe fórma. Laplace demonstrou que si a acção d'a gravidade não é instantanea por toda parte ào mesmo tempo, a velocidade de propagação é, em todos os casos, muitas centenas de milhões de vezes mais rapida que a d'a luz, que todavia eleva-se já á setenta e sete mil legoas por segundo!

Não se-póde, fallando d'o movimento de uma fôrça, d'a electricidade, por exemplo, pretender figural-o como um movimento ou um transporte d'a materia. N-o mesmo momento, em que electriza-se a extremidade d'o cabo transatlantico, a outra extremidade, à mil e duzentas legoas de distancia, é tambem electrizada. O movimento de um principio de natureza transcendente não póde ser, sinão de uma natureza totalmente differente d'o movimento de transporte d'a materia ponderavel.

A synthese d'as sciencias physicas modernas estabelece que ha 'n-o universo inanimado duas ordens de entidades bem distinctas: a *materia*, composta de atomos reaes occupando um logar difinito 'n-o espaço; a *fôrça*, não occupando nenhum logar d'o espaço. A materia inerte é incapaz por si mesma de nenhum movimento ou composição; a fôrça, elemento intermediario, é ào mesmo tempo potencia motriz e agente de relações entre os atomos, entre os corpos, entre os sóes atravez d'a extensão.

Esta synthese refuta successivamente não só a doutrina que attribue os phenomenos de luz, de calor, de electricidade, à fluidos distinctos d'a materia, mas, todavia, analogos á ella em sua essencia, como tambem a doutrina que attribue os phenomenos de luz, de calor, de electricidade, á simplices movimentos que tenham logar em substancias distinctas d'a materia, mas todavia, analogos em sua essencia, por exemplo o supposto ether

cosmico interplanetario;—mas ainda a doutrina que attribue todos os phenomenos d'o universo á simplices movimentos d'a materia (parecendo assim a attração estabelecida por um elemento dynamico de uma natureza totalmente differente d'a materia e o movimento produzido por ella não dependendo, de mopo algum, de nenhum outro movimento). A consequencia geral d'estas refutações é que, provavelmente, não ha 'n-o espaço, como se-tinha supposto, um ether destinado á explicar por ondulações a transmissão d'a luz, que agora explica-se sem esta hypothese, nem fluidos imponderaveis capazes de ser assimilhados á materia excessivamente tenue; mas que ha principios naturaes especificamente distinctos d'a materia sob todas as relações possiveis, principios immateriaes que, como o que produz os phenomenos d'a attração universal, são capazes de tirar a materia d'o repouso ou fazel-a parar, e constituem principios *dynamicos*, *forças*, em sua propria essencia, e não simplesmente substancias dotadas de forças. A funcção d'o elemento dynamico ou motor, que estes principios preenchem 'n-o universo, é capital.

A attração, que ata os planetas ào sol atravez d'os milhões e d'as centenas de milhões de leguas de distancia; que mantêem o equilibrio d'as estrellas 'n-o infinito em distancias taes que de uma á outra a menor distancia é de uma dezena de trilhões de leguas, a fôrça gravifica, digo, está por toda parte 'n-o espaço e em todo logar, ào mesmo tempo. As forças não são submettidas ás condições d'o tempo e d'o espaço.

E' esta condicção que mais claramente distingue a natureza d'as forças d'a natureza d'a materia.

O elemento dynamico não tem nenhuma fórma 'n-o espaço, nem nenhuma duração 'n-o tempo, e acha-se eternamente por toda parte.

O elemento material tem uma fórma, é composto de atomos immutaveis em grandeza e em massa.

O infinito é o attributo essencial d'o primeiro; o finito o attributo d'o segundo.

A velocidade de propagação d'a attracção, d'a electricidade, não é uma velocidade propriamente dita, mas um modo d'o elemento dynamico, que sustenta e move os mundos e os atomos,

Em resumo, pois, ha 'n-o universo inanimado: 1.° materia real, occupando certos ponctos limitados 'n-o espaço; 2.° principios transcendentes, occupando o espaço inteiro, aos quaes a materia deve seos movimentos e suas composições. Dignem-se

os leitores desculpar estes preliminarss scientificos, um pouco technicos, màs que não tem valor sinão assim. Procurei insistir sobre este grande facto, porque é elle a base d'as considerações, que agora podemos emittir sobre a natureza spiritual d'a alma.

Os materialistas comprehenderam tão perfeitamente esta estreita dependencia, entre a affirmação d'a *fôrça*, como elemento distincto d'a materia, e o spiritualismo racional, que, sempre declararam, francamente, que, si podesse a fôrça ser negada, d'ahi resultaria, facilmente, a negação d'a alma e a d'a intelligencia creadora. Demonstrar que a fôrça não é uma propriedade d'a natureza, é a pedra angular d'o edificio d'a philosophia moderna. Sabem os meos leitores que é esse o grande e unico fim, que tive em vista, escrevendo, ha alguns annos, DEOS 'N-A NATUREZA. (1)

(Continúa)

CAMILLO FLAMMARION.

A oração dominical

E' a *Oração dominical* aquella que os Spiritos têem aconselhado que seja collocada á frente de todas as orações, jà porque foi instituida por Jesus-Christo (S. MATH. IV.—9—13), jà porque ella só póde supprir todas segundo o pensamento que á ella prender-se; é o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade em sua simplicidade. Effectivamente sob a fórma mais restricta, resume ella todos os deveres d'o homem para com DEOS, para comsigo mesmo e para com o proximo; encerra ella uma profissão de fé, um acto de adoração e de submissão, o pedido de cousas necessarias á vida e o principio d'a charidade. Dizel-a em intenção de alguem é pedir para este o que pederia para si.

Entretanto por sua mesma brevidade o sentido profundo, encerrado em algumas palavras de que compõe-se ella, escapa á mór parte d'as pessôas; por isso é que dizem-n-a, geralmente, sem dirigir o pensamento sobre as applicações de cada-uma de suas partes; dizem-n-a como uma formula, cuja efficacia é pro-

(1) Um grosso volume in-12, com o retrato d'o author; preço—4 francos.

porcionada ào numero de vezes, que é repetida; e quasi sempre é um d'os numeros cabalisticos *tres*, *septe* ou *nove*, tirados d'a antiga crença supersticiosa 'n-a virtude d'os numeros, e em uso 'n-as operaçõe s d'a magia.

Para supprir o vago que a concisão d'essa oração deixa 'n-o pensamento, por conselho e com assistencia d'os bons Spiritos, á cada proposição ajuntou-se um commentario que desenvolve seo sentido e suas applicações.

Pode-se, portanto, segundo as circumstancias, e o tempo desponivel, dizer a Oração dominical *simples* ou *desenvolvida*.

I *Pae nosso, que estaes 'n-o Ceo, Sanctificado seja o vosso nome!*

Em vós cremos, Senhor, porque tudo revela vosso poder e vossa bondade. A harmonia d'o universo prova sabedoria, prudencia e previdencia, que excedem todas as faculdades humanas; o nome de um ser soberanamente grande e sabio está inscripto em todas as obras d'a creação desde a mais pequena palha e o mais pequeno insecto até os astros que se-movem 'n-o espaço; por toda parte vemos a prova de uma solicitude paternal; é porisso que cégo é aquelle que não vos-reconhece em vossas obras, orgulhoso aquelle que não vos-glorifica, e ingrato aquelle que não vos-rende acções de graças.

II *Venha à nós o vosso reino.*

Déstes, Senhor, àos homens leis cheias de sabedoria, e que, si fossem por elles observadas, fariam sua felicidade. Com essas leis fariam reinar entre si a paz e a justiça, auxiliar-se-hiam mutuamente, ao em vez de, como o-fazem, prejudicarem-se; o fraco ào em vez de ser arruinado pel-o forte, seria por elle amparado; e os males engendrados pel-os abusos e por toda a sorte de excessos seriam por elles evitados. D'a violação de vossas leis provêm todas as miserias d'este mundo, porque uma unica infracção não se-dá qne não seja acompanhada de consequencias fataes.

Déstes ào bruto o instincto que traça-lhe o limite d'o necessario, e com isso elle, machinalmente, conforma-se; ào homem déstes, porém, além d'este iustincto, a intelligencia e a razão; déstes-lhe tambem a liberdade de observar ou de infringir d'entre vossas leis as que, pessoalmente, 'o-tocam, isto é a de

escolher entre o bem e o mal, afim de que tenha elle o merito e a responsabilidade de suas acções.

A ninguem é licito pretextar ignorancia de vossas leis, porque, em vossa paternal previdencia, quizestes que fossem ellas gravadas 'n-a consciencia de cada um sem distincção de culto nem de nações; só podem ser violadas por aquelles, que vos desconhecem.

Dia virá em que, segundo vossa promessa, por todos serão praticadas; então terá desaparecido a incredulidade; reconhervos-hão todos pel-o soberano Senhor de todas as cousas e 'n-a terra vosso reino será o reinado de vossas leis.

Dignae-vos, Senhor, apressar sua vinda dando aos homens a luz necessaria para guial-os 'n-o caminho d'a verdade.

III *Seja feita a vossa vontade 'n-a terra como 'n-o Ceo!*

Si a submissão é um dever d'o filho para com o pae, d'o inferior para com seo superior, quanto maior não deve de ser a d'a creatura para com seo Creador!

Fazer vossa vontade, Senhor, é observar vossas leis, e sem murmurar submetter-se à vossos divinos decretos; á ellas submetter-se-ha o homem, quando comprehender que sois a origem de toda sabedoria e que nada elle póde sem vós; então fará elle vossa vontade 'n-a terra como os escolhidos 'n-o Céo.

IV *O pão nosso quotidiano dae-nos hoje.*

Dae-nos o alimento para o entretenimento d'as forças d'o corpo; dae-nos tambem o alimento spiritual para o desenvolvimento de nosso Spirito.

O bruto acha seo sustento, mas o homem deve-o á sua propropria actividade, e aos recursos de sua intelligencia, porque o-creastes livre.

Dissestes-lhe: «Tirarás teo alimento d'a terra com o suor de teo rosto;» com isto fizestes d'o trabalho uma obrigação para elle, afim de que exercesse sua intelligencia pel-a procura d'os meios de prover ás suas precisões e seo bem-estar, uns pel-o trabalho material, outros pel-o trabalho intellectual; sem o trabalho ficaria estacionario, e não poderia aspirar á felicidade d'os Spiritos superiores.

Auxiliaes o homem de boa-vontade, que em vós se-fia para o necessario, màs não àquelle que compraz-se 'n-a ociosidade, e

tudo quizera obter sem trabalho, e nem áquelle que busca o superfluo.

Quantos ha que succumbem por sua propria culpa, por sua incuria, sua imprevidencia ou ambição, e por não ter querido contentar-se com o qne lhe-havies dado! Esses são os artifices de seo proprio infortunio, e nenhum direito tem de queixar-se, porque são punidos por onde peccaram.

Mas esses mesmos não são por vós abandonados, porque sois infinitamente misericordioso; lhe-estendeis mão piedosa logo que, como o filho prodigo, à vós sinceramente voltam.

Antes de queixar-nos de nossa sorte, perguntemos, sinão é obra nossa; à cada desgraça que nos-aconteça perguntemos, si não estaria dependente de nós evital-a; e tambem digâmos que Deos deu-nos a intelligencia para tirar-nos d'o perigo, e de nós depende fazer uso d'ella.

Jà que a lei d'o trabalho é a condição d'o homem sobre a terra, dae-nos a coragem e a força de cumpril-a; dae-nos tambem a prudencia, a previdencia, e a moderação, para que d'ella não percamos o fructo:

Dae-nos portanto, Senhor, o pão nosso quotidiano, isto é os meios de adquirir, pel-o trabalho, as cousas necessarias á vida, porque à ninguem é licito reclamar o superfluo.

Si impossivel nos-fôr o trabalho, confiemo'-nos em vossa divina providencia.

Si fôr de vossa vontade soffràmos as mais crueis privações, à pezar de nossos exforços, acceitemol-as como uma justa expiação d'as faltas que houvermos commettido 'n-esta vida, ou 'n-as vidas precedentes, porque sois justo, porque sabemos que não ha penas immerecidas, e que sem causa nunca vós castigaes.

Preservae-nos, ó meo Deos, de conceber inveja d'aquelles que possuem o, que não temos, nem mesmo d'àquelles que têem o superfluo, quando falta à nós o necessario, Perdoae-lhes, si esqueeem elles a lei de charidade e de amôr d'o proximo que por vós lhes-foi ensinada.

Apàrtae tambem de nosso Spirito o pensamento de negar vossa justiça, por vermos a prosperidade d'o máo e a desgraça que, ás vezes, acabrunha o homem de bem.

Sabemos agora, graças ás novas luzes que à vós aprouve dar-nos, que vossa justiça sempre se-effectua e não falta à ninguem; que a prosperidade material d'o máo é ephemera como sua existencia corporal, e terá ella terriveis compensações, ào passo que eterna será a alegria reservada áquelle que resignadamente soffre.

V Perdoae-nos nossas dividas assim como nós perdoâmos aos nossos devedores.—Perdoae nossas offensas assim como nós perdoâmos as d'os nossos offensores.

Cada infracção nossa, Senhor, à vossas leis é uma offensa para comvosco, e uma divida contrahida, que cedo ou tarde ser-nos-ha preciso saldar. De vossa infinita misericordia solicitâmos o perdão, e promettemos esforçarmo'nos para não contrahir nóvas.

D'a charidade fizestes expressamente uma lei; màs a charidade não consiste em assistir unicamente seo similhante 'n-a necessidade; consiste tambem 'n-o esquecimento e n'o perdão d'as offensas. Com que direito reclamariamos vossa indulgencia, sinão n-a-tivessemos para com aquelles de quem temos queixas?

Dae-nos, meo Deos, a força de suffocar em nossa alma todo o resentimento, todo o odio e todo o rancor; *fazei com que a morte não nos-sorprehenda com desejo de vingança 'n-o coração.*

Si for de vosso agrado retirar-nos hoje mesmo d'este mundo fazei com que possâmos apresentar-nos à vós puros de toda animosidade à exemplo de Christo, de quem as derradeiras palavras foram em favôr de seos algozes.

As perseguições que soffremos d'os máos fazem parte de nossas provas terrestres; devemos acceital-as sem murmurar, como quaesquer outras provas, nem amaldiçoar aquelles, que, por suas maldades, abrem-nos o caminho d'a felicidade eterna, porque pel-a bocca de Jesus nos-dissestes: « Bemaventurados os que téem fome e sêde de justiça. » Bem digâmos, pois, a mão que nos-fere e nos-humilha, porque as contusões d'o corpo fortificam nossa alma e exaltados seremos de nossa humildade.

Bendicto seja vosso nome, Senhor, por ter-nos ensinado que nossa sorte não é irrevogavelmente fixada depois d'a morte; que em outras existencias encontraremos os meios de resgatar e reparar nossas culpas passadas, de conpletar 'n-uma nova vida o que não podermos fazer 'n-esta em proveito de nosso adiantamento.

Assim explicam-se finalmente todas as anomalias apparentes d'a vida; é a luz lançada sobre nosso passado e nosso futuro, o signal brilhante de vossa soberana justiça e de vossa infinita bondade.

VI *Não nos-deixeis cahir em tentação, mas livrae-nos d'o mal.*

Dae-nos, Senhor a fôrça de resistir ás suggestões d'os máos Spiritos, que tentarem desviar-nos d'o caminho d'o bem, inspirando-nos máos pensamentos.

Nós, por nossa vez, somos Spiritos imperfeitos, incarnados 'n-esta terra para expiar e melhorar-nos. A causa primeira d'o mal está em nós, e os màos Spiritos aproveitam-se de nossas viciosas inclinações, em que nos-entretêem elles para nos-tentar.

Cada imperfeição é uma porta aberta á sua influencia, em quanto que são impotentes e renunciam qualquer tentativa contra os sêres perfeitos. Tudo quanto podessemos fazer para desvial-os seria inutil, si lhes não oppusermos uma vontade firme 'n-o bem, e uma renuncia absoluta d'o mal. E' pois, contra nós mesmos que preciso é empregar nossos esforços, e então naturalmente se-afastarão os máos Spiritos, porque pel-o mal são elles attrahidos, em quanto que pel-o bem são elles repellidos.

Amparae-nos, Senhor, em nossa fraqueza; inspirae-nos pel-a voz de nossos anjos custodios e d'os bons Spiritos a vontade de corrigir-nos de nossas imperfeições para que os Spiritos impuros não achem livre accesso em nossa alma.

Senhor, o mal não é obra vossa, porque a origem d'o bem nada máo pode produzir, somos nós que o-creâmos infringindo vossas leis, e pel-o máo uso d'a liberdade que nos-destes. Quando os homens observarem vossas leis, desaparecerá o mal d'a terra, como já desapareceu d'os mundos mais adiantados.

Para ninguem é o mal uma necessidade fatal e só irresistivel parece áquelles, que complacentes à elle se-intregam. Si tivermos a vontade de fazel-o não podemos ter egualmente a de fazer o bem; é por isso, meo Deos, que pedimos vossa assistencia e a d'os bons Spiritos para resistir á tentação.

VII *Amen.*

Oxalá, Senhor, que nossos desejos sejam satisfeitos! Mas sempre inclinados diante de vossa infinita sabedoria. Sobre tudo, que não nos-é dado comprehender, seja feito segundo vossa sancta vontade, e não segundo á nossa, porque vós só quereis o nosso bem, e melhor d'o que nós sabeis o, que nos-é util.

Esta oração, ó meo Deos, á vós dirigimos por nós, por todas às almas padecentes, incarnadas ou desencarnadas, por nossos amigos e nossos inimigos, por todos aquelles que reclâmam nossa assistencia, e especialmente por N.... Sobre todos chamâmos vossa misericordia e vossa bençam.

Allan Kardec.

Manifestação d'os Spiritos.

De uma respeitavel Senhôra, medium escrevente de um grupo Spirita 'n-a Corte d'o Rio-de-Janeiro, Mme. Vve. P. C.···, recebemos as seguintes communicações, pel-as quaes verão os nossos leitores que 'n-o Rio-de-Janeiro já ha trabalhos regulares sobre o Spiritismo, e que o elevado Spirito de S. Augustinho, incansavel propagador d'o Spiritismo, manifesta-se por toda parte onde a bôa vontade e o desejo de progredir, fraternalmente, se-apoderam de corações, que procuram banhar-se 'n-as aguas limpidas e purificadoras d'o oceano d'a Charidade.

(Rio-de-Janeiro: 1868—Julho 8:—Medium Mme. Vve. P. C.)

Guia Protector.

Pergunta. *Podemos evocar o Spirito de Luiz Cabarbaye?*
Resposta. Pode vir, porque está presente.

Evocação.

P. *És tu feliz?*
R. Sou feliz.
P. *Achae-vos muitas vezes entre aquelles, que vos-conheceram?*
R. Estou 'n-o meio d'elles, quando minha presença lhes-é util; à não ser isso gózo d'a felicidade, que se-experimenta 'n-a mansão d'os Spiritos.
P. *Podes instruir-nos àcerca d'a causa de tua enfermidade?*
R. A cegueira, de que fui tocado 'n-os ultimos annos de minha vida, fôra uma prova, ou melhor, um castigo que me-era inflingido.... por causa de minha precedente existencia; a medecina nada podia, e tudo quanto fiz fôra completamente inutil.
P. *Podes dizer-nos o que deu logar à esse castigo?*
R. Levar-nos-hia isso muito longe, e, antes de satisfazer-vos, devo tomar conselho d'aquelles Spiritos que se-propõem assistir-vos.

P. *Ha impressão d'o Spirito em sua volta á erraticidade, e leva elle muito tempo em desmaterialisar-se?*

R. Tendes pressa e sois curiosos; poderia responder ào mesmo tempo as duas perguntas, mas como esta me-é toda pessoal vou satisfazer-vos.

Entrando 'n-a erraticidade, achei-me de novo 'n-a plenitude de minhas faculdades; meos pensamentos volveram-se inteiramente para a immortalidade que nos-espera, e fui logo desmaterialisado: feliz, bem feliz por ter terminado a tarefa que me-era imposta tanto quanto nos-permittem nossas frageis naturezas. Voltarei a ter comvosco, e feliz serei, si, de algum modo, puder contribuir para o vosso adiantamento.

Permitti-me dizer-vos, como despedida:—Tende muita coragem para supportar as provações que vos-couber em partilha; coragem, energia, resignação, muita charidade, e vossa recompensa não será demorada.

Communicação Spontanea de Luiz Cabarbaye.

(Rio-de-Janeiro:—1869—Julho 18.—Medium Mme. Vve. P. C.)

Chamado entre vós pel-a lembrança de meo sobrinho G. S., não pude responder a questão que me-dirigistes sobre minha existencia anterior; hoje venho à isso responder: oxalá possa eu contribuir para vossa instrucção.

Ha perto de duzentos annos que vivi, fui sevéro e sem piedade para com os màos que vinham affligir meos irmãos; muitos castigos sobrevieram por minha culpa. Quando entrei de novo 'n-a erraticidade, conheci meos erros, soffri muito tempo em consequencia d'o que fiz soffrer; obtive de Deos para expiação de minhas faltas tornar a tomar 'n-o mundo uma existencia d'as mais modestas, e cujo termo seria uma d'as infermidades mais crueis que o homem possa supportar; por muito tempo e bem cruelmente soffri; pouco e pouco uma resignação profunda veio em meo amparo, não foi van a minha próva e hoje posso dar graças à Deos, porque sua justiça é egual á sua misericordia.

Communicação Spontanea.

(Rio-de-Janeiro: 1899—Junho, 18.—Medium Mme. Vve. P. C.···)

Spiritas, nobreza obriga é um proverbio de nossa terra; quanto maior for vossa nobreza, tanto maiores serão vossos deveres; ser

Spirita não é couza que se-olhe com desdêm; ser Spirita é à nós mesmos impôr o mais importante d'os deveres; pertence-vos a repressão de toda a imperfeição, afim de que vossos irmãos não possam dirigir-vos esta censura tão geral àos que pregam: Fazei o, que digo, e não o, que faço.»

Deveis pregar, principalmente, o exemplo; sêde o escravo submisso d'os deveres rigorosos que por vossa posição vos-são impostos; preinchei-os com resignação, submissão, mansuetude e amenidade; sêde justos 'n-as relações que tiverdes com vossos irmãos, sêde charitativos, benevolentes; ponde toda a vossa confiança em Deos, e vereis diminuir a vossa carga; encontrareis uma felicidade calma e serena em vosso coração, que vos-tornará facil de supportar esses curtos instantes de provas d'a incarnação; tereis a doce consolação de mostrar o caminho d'a felicidade áquelles que procurardes associar á Sancta doutrina.

Vim ter comvosco para dar-vos esta rapida exhortação, afim de sustentar-vos em vossas resoluções, reanimar vossa coragem e aconselhar-vos à que trabalheis com actividade.

Aproximam-se os instantes em que vossa acção pode ser salutar; não deixeis vossos corações encher-se de tedio, lembrai-vos sempre que ha muitos afflictos, e que por vossas mãos é que deve de ser espalhado o balsamo consolador.

A Deos, ainda virei para animar-vos. S. Augustinho.

Manifestando-se depois o Spirito—Guia Protector—, escreveu o seguinte:

—Um mais digno que nós dignou-se de dirigir-vos algumas palavras de animação e de conselho. Sua voz poderosa e, com justiça, venerada, será, como o-esperamos, um estimulo à vossos exforços. Um Spirito tão elevado sòmente se-manifesta 'n-a esperança de tornar uteis os trabalhos que se-elaboram.

Sêde, portanto, felizes de ver que tendes a assistencia de um Spirito tão elevado, e ponde vesso exforços sempre 'n-a altura d'os conselhos, que vos-são prodigalisados.

Revista Retrospectiva.

Por Mr. Casimir Lieutaud.

DIFFERENTES ORDENS DE SPIRITOS.

Um poncto essencial 'n-a doutrina spiritica é o d'as differen-

ças que existem entre os Spiritos, quanto á intelligencia e quanto á moralidade; não é porêm, menos essencial o saber que não pertencem para sempre á mesma ordem, e que, por conseguinte, estas ordens não constituem *especies distinctas*: são ellas differentes gráos de desenvolvimento. Seguem os Spiritos a marcha progressiva d'a natureza; os d'as ordens inferiores são ainda imperfeitos; alcançam os gràos superiores depois de se-terem depurado; adiantam-se 'n-a hierarchia à proporção que adquirem as qualidades, a experiencia e os conhecimentos que lhes-faltam. A criança, 'n-o berço, não se-parece com o que ha de ser 'n-a edade madura, e comtudo é sempre o mesmo ente.

A classificação d'os Spiritos é estabelecida segundo o gráo de seo adiantamento, as qualidades que têem adquirido, e as imperfeições de que se-devem ainda despojar. Esta classificação, com tudo isto, nada tem de absoluto; só em seo todo apresenta cada categoria um character bem saliente; é, porêm, imperceptivel a transição d'um à outro gráo, e, em suas raias, desapparece a differença, como 'n-os reinos d'a natureza, como 'n-as côres d'o arco-iris, ou ainda, como 'n-os diversos periodos d'a vida humana. Póde-se, pois, formar um maior ou menor numero de classes, segundo o poncto de vista debaixo d'o qual encara-se a cousa. N-isto acontece como em todos os systemas de classificações scientificas; pódem estes systemas ser mais ou menos completos, mais ou menos racionaes, mais ou menos commodos para a intelligencia; sejam, porêm, quaes fôrem, em nada mudam o fundo d'a sciencia. Interrogados os Spiritos sobre este poncto têem elles emittido opinião differente quanto ào numero d'as categorias, sem que d'isso resultem graves consequencias. Armaram-se d'essa contradição apparente os adversarios d'o Spiritismo, sem reflectirem que os Spiritos não dão importancia alguma ào que é, puramente, convencional; para elles o pensamento é tudo; deixam-nos a fórma, a escolha d'os termos, as classificações, em summa, os systemas.

Accrescentemos ainda esta consideração, que nunca se-deve perder de vista:—entre os Spiritos, como entre os homens, uns ha muito ignorantes, e não nos-poderiam bastante acautelar contra a tendencia a crêrmos que, por serem Spiritos, tudo devem saber. Toda a classificação exige methodo, analyse, e inteiro conhecimento d'o assumpto. N-o mundo d'os Spiritos, pois, aquelles que têem conhecimentos limitados são, como os ignorantes cá 'n-este mundo, inhabeis para abraçarem um todo, e

formularem um systema; esses mesmos, que para isso têem habilidade, pódem differir 'n-as particularidades segundo o seo poncto de vista, maxime quando uma divisão nada tem de absoluto. Linneo, Jussieu, Tournefort, tivêram cada-um seo methodo, e nem por isso ha mudado a botanica; é por que não inventaram elles nem as plantas, nem os seos caracteres; observaram as analogias, segundo as quaes formaram elles os grupos ou classes. D'este modo é que temos procedido; não inventamos nem os Spiritos, nem seos characteres; temos visto e observado, os-temos julgado por suas palavras e por seos actos, e classificado depois por similhanças; é o que cada-um houvera-podido fazer em nosso logar.

Não podemos comtudo revindicar a totalidade d'este trabalho como sendo feito por nós. Si a classificação que em seguida apresentâmos não foi textualmente traçada pel-os Spiritos, e si d'ella nos-pertence a iniciativa, todos os elementos de que ella se-compõe foram tirados de suas instrucções; não nos-ficava mais d'o que formular sua disposição natural.

Admittem geralmente os Spiritos tres cathegorias principaes ou tres grandes divisões. N-a derradeira,.a que se-acha ào pé d'a escala, são os Spiritos imperfeitos que têm ainda todos, ou quasi todos, os gráos que percorrer; são characterisados pel-o predominio d'a materia sobre o Spirito e pel-a propensão para o mal. São characterisados os d'a segunda pel-o predominio d'o Spirito sobre a materia, e pel-o desejo d'o bem: são os bons Spiritos. A primeira, emfim, comprehende os puros Spiritos, os que alcançaram o gráo supremo de perfeição.

Esta divisão nos-parece perfeitamente racional e apresenta characteres bem distinctos; não nos-ficava mais que fazer sobresahir, por um numero sufficiente de subdivisões, as gradações principaes d'o todo; é o que fizemos com o concurso d'os Spiritos, cujas instrucções benevolas nunca nós-tem faltado.

Com o auxilio d'esta classificação será facil determinar a ordem e o gráo de superiodade ou de inferioridade d'os Spiritos com os quaes podemos entrar em relação, e por conseguinte o gráo de confiança e d'estima que merecem. Interessa-nos tambem pessoalmente, pois, como pertencemos pel-a nossa alma ào mundo Spiritico, onde tornâmos à entrar ào deixarmos o nosso envoltorio mortal, ella nos-mostra o que nos-resta fazer para chegarmos á perfeição e ào bem supremo. Observaremos, todavia, que não pertencem sempre os Spiritos exclusivamente á essa ou aquella

classe; não se-effectuando seo progresso sinão gradualmente, e, muitas vezes, mais em um sentido d'o que em outro; podem, porém, elles possuir os characteres de muitas categorias, o que facil é de avaliar por sua linguagem e por suas acções.

Escala Spiritica.

TERCEIRA ORDEM—Spiritos imperfeitos.

Characteres geraes.—Predominio d'a materia sobre o spirito. Propensão para o mal. Ignorancia, orgulho, egoismo, e todas as paixões más que são suas consequencias.

Têem elles a intuição de Deos, porém não o-comprehendem. Não são todos, essencialmente, máos; em alguns, ha mais frivolidade, inconsequencia e malignidade d'o que verdadeira perversidade. Uns não fazem nem bem nem mal; mas por isso que não fazem bem, elles denotam sua inferioridade. Outros, pel-o contrario, comprazem-se 'n-o mal, e ficam satisfeitos, quando acham occasião de fazel-o.

Pode associar-se a intelligencia á perversidade ou malignidade; qualquer que seja, porêm, o seo desenvolvimedto intellectual, suas idéas são pouco elevadas, e mais ou menos abjectos seos sentimentos.

Os seos conhecimentos sobre as cousas d'o mundo spiritico são limitados, e o pouco que d'ellas sabem confunde-se com as idéas e as prevenções d'a vida corpórea. Só nos-pódem dar nações falsas e incompletas; mas o observador attento acha sempre em suas communicações, mesmo imperfeitas, a confirmação d'as grandes verdades ensinadas pel-os Spiritos superiores.

Seo character manifesta-se por sua linguagem. Todo o Spirito que, em suas communicações, revela um máo pensamento, póde ser classificado 'n-a terceira ordem; por conseguinte, todo o mào pensamento, que nos-é suggerido, provêm d'um Spirito d'esta ordem.

Elles vêem a felicidade d'os bons, e esta vista é para elles um tormento incessante, porque soffrem todas as angustias que podem produzir a inveja e o ciume.

Guardam a lembrança e a percepção d'os soffrimentos d'a vida corpórea, e esta impressão é frequentemente mais penosa d'o que a realidade. Soffrem, pois, verdadeiramente tanto pel-os

males que à si fizeram, como pel-os que tem feito supportar aos outros; e visto que soffrem muito tempo, elles julgam soffrer sempre; quer Deos, para punil-os, que assim o-acreditem. Pódem ser classificados em quatro grupos principaes.

Classe nona.—Spiritos impuros.—São prepensos ào mal e d'elle fazem o objecto de suas preoccupações. Como Spiritos, dão elles conselhos perfidos, suggerem a discordia e desconfiança, tomam todas as mascaras, para melhor enganarem. Acompanham constantemente os characteres assás fracos para cederem ás suas suggestões, afim de deital-os à perder, satisfeitos de poderem atrazar seo adiantamento, fazendo com que succumbam 'n-as suas provações.

N-as manifestações são elles reconhecidos por sua linguagem; a trivialidade e a grosseria d'as expressões, entre os spiritos como entre os homens, são sempre um indicio d'inferioridade moral, sinão intellectual. Suas communicações revelam a baixeza de suas inclinações, e, si querem enganar, fallando d'um modo sensato, não pódem, por muito tempo manter-se 'n-esse papel, porque sempre acabam por descobrir sua origem.

Alguns póvos d'elles fizeram divindades malfazejas, outros os-designam pel-os nomes de demonios, máos genios, Spiritos d'o mal.

Os seres viventes, que elles animam, quando estão incarnados, são propensos à todos os vicios que produzem as paixões vis e degradantes:—a sensualidade, a crueldade, a velhacaria, a hypocrisia, a cobiça, a sordida avareza.

Fazem o mal pel-o prazer de fazel-o, o mais d'as vezes sem motivos, e por odio ào bem, eescolhem quasi sempre suas victimas entre as pessoas de bem. São flagellos d'a humanidade, qualquer que seja a ordem social à que pertençam,—e o lustre d'a civilisação não os-preserva d'o opprobrio e d'a ignominia.

Classe oitava.—Spiritos levianos.—São ignorantes, malignos, inconsequentes e zombeteiros. Intromettem-se em tudo, respondem à tudo sem importarem-se com a verdade. Comprazem-se em causar pequenas afflições e pequenas alegrias, em molestar, em enganar maliciosamente por mangações e travessuras. A esta classe pertencem os Spiritos, vulgarmente designados pel-os nomes de *duendes, diabinhos, gnomos, trasgos.* Acham-se sob a dependencia d'os Spiritos superiores, que os-empregam frequentemente, como fazemos com os criados e com os serventes.

Mostram-se, mais d'o que outros, ligados á materia, e parc-

cem ser os agentes principaes d'as vicissitudes d'os elementos d'o globo, quer elles habitem 'n-o ar, 'n-a agua, 'n-o fogo, 'n-os córpos duros ou 'n-as entranhas d'a terra. Manifestam muitas vezes sua presença por effeitos sensiveis, taes como as pancadas, o movimento e a deslocação anormal d'os córpos sólidos, a agitação d'o ar, etc.; o que lhes-tem feito dar o nome de Spiritos ruidósos ou perturbadores. Reconhece-se que taes phenomenos não são produzidos, por uma causa fortuita e natural, quando têem um character intencional e intelligente. Podem todos os Spiritos produzir estes phenomenos, porêm os Spiritos elevados deixam-n-os, em geral, 'n-as attribuições d'os Spiritos inferiores, mais aptos para as cousas materiaes d'o que para as cousas intelligentes.

Em suas communicações com os homens, é sua linguagem ás vezes spirituosa e engraçada, mas quasi sempre sem fundo; apresentam os defeitos e os ridiculos que exprimem com palavras mordazes e satyricas: e quando servem-se de nomes suppostos, é ordinariamente mais por travessura d'o que por maldade.

Classe septima.—Spiritos falsos.—Seos conhecimentos são bastante extensos, màs julgam saber mais d'o que, effectivamente, sabem. Tendo effectuado alguns progressos sob diversos pontos de vista, sua linguagem tem um caracter serio que póde enganar à respeito de suas capacidades e suas luzes; não é, porèm, o mais d'as vezes, sinão um reflexo d'os preconceitos e idéas systematicas d'a vida terrestre; é um amalgama de algumas verdades com os erros mais absurdos, onde se-vê a presumpção, o orgulho, a inveja e a teima, de que se não têem elles podido despojar.

Sexta classe.—Spiritos neutros.—Não são nem bastante bons para praticarem o bem, nem bastante màos para fazerem o mal; são propensos tanto para um como para o outro, e não estão à cima d'a condição vulgar d'a humanidade, nem quanto ào moral nem quanto à intelligencia. São affeiçoados ás cousas d'este mundo, mostrando-se saudósos de suas grosseiras alegrias.

SEGUNDA ORDEM.—Bons Spiritos.

Characteres geraes—Predominio d'o Spirito sobre a materia; desejo d'o bem. Suas qualidades e seo poder para fazerem o bem estão 'n-a razão d'o gráo à que têem elles chegado; uns têem a sciencia, outros a sabedoria e a bondade; possuem os mais adiantados o saber com as qualidades moraes. Não se-achando

ainda completamente despojados d'a materia conservam mais ou menos, segundo sua condição, os vestigios d'a existencia corpórea, quer n'a fórma d'a linguagem, quer 'n-os seos costumes em que encontra-se até algumas de suas manias, à não ser assim, seriam elles Spiritos perfeitos.

Percebem Deos e o infinito, e já gozando d'a felicidade d'os bons. São felizes pel-o bem que praticam e pel-o mal que impedem. O amor que os-une é para elles a fonte de uma felicidade ineffavel que não é perturbada nem pel-a inveja, nem pel-os pezares, nem pel-os remorsos, nem por nenhuma d'as más paixões que atormentam os Spiritos imperfeitos; todos porêm, têem ainda provações que soffrer, até que hajam alcançado a perfeição absoluta.

Como bons Spiritos, suggerem bons pensamentos, desviam os homens d'o caminho d'o mal, protegem 'n-a vida os, que d'isso se-tornam dignos, neutralisam a influencia d'os Spiritos imperfeitos 'n-os, que não se-comprazem em sujeitar-se à ella.

Quando estão incarnados são homens bons e benevolos para com seos similhantes; não são movidos nem pel-o orgulho, nem pel-o egoismo, nem pel-a ambição; não experimentam nem odio, nem rancôr, nem inveja, nem ciume, e fazem o bem por amôr d'o bem.

A esta ordem pertencem os Spiritos designados 'n-as crenças vulgares pel-os nomes de *bons genios, genios protectores, Spiritos bemfazejos.*

Podem egualmente ser classificados em quatro grupos principaes.

Classe quinta.—Spiritos benevolos.—Sua qualidade dominante é a bondade; comprazem-se em ser uteis aos homens e protegel-os; màs seo saber é limitado: effectuou-se seo progresso antes 'n-o sentido moral d'o que 'n-o sentido intellectual.

Classe quarta.—Spiritos doutos.—O, que os-distingue especialmente, é a extensão d'os seos conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões moraes, d'o que com as questões scientificas, para as quaes elles têem mais aptidão; màs consideram a sciencia somente 'n-o poncto de vista d'a utilidade, e não se-envolvem em nenhuma d'as paixões que são o characteristico d'os Spiritos imperfeitos.

Terceira classe.—Spiritos sabios.—As qualidades moràes d'a ordem mais elevada formam seo character distinctivo. Sem terem conhecimentos illimitados, são elles dotados de uma capacidade intellectual, que lhes-dà um juizo são sobre os homens e sobre as cousas.

Segunda classe.—Spiritos superiores.—Possuem, justamente com a sciencia, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem somente respira a benevolencia; é constantemente digna, elevada, muitas vezes sublime. Sua superioridade torna-os mais d'o que os outros aptos para darem-nos as noções mais exactas sobre as cousas d'o mundo incorpóreo, 'n-os limites d'o que é licito, ào homem conhecer, communicam-se com muito gosto àos que procuram a verdade de boa-fé, e cuja alma é assaz, desembaraçada d'os laços terrestres para comprehendel-a; afastam-se, porêm, d'aquelles que só são animados pel-a curiosidade, ou são desviados d'a pratica d'o bem pel-a influencia d'a materia.

Quando, por excepção, incarnam-se sobre a terra, é para cumprir uma missão de progresso, e nos-offerecem então o typo d'a perfeição à que a humanidade póde aspirar 'n-este mundo.

PRIMEIRA ORDEM.—Puros Spiritos.

Characteres geraes.—Influencia d'a materia nulla. Superioridade intellectual e moral absoluta, relativamente àos Spiritos d'as outras ordens.

Primeira classe. Classe unica.—Têem elles percorrido todos os gráos d'a escala e deixado todas as impurezas d'a materia. Tendo alcançado toda a perfeição de que é susceptivel a creatura, elles não têem mais nem provações, nem expiações que soffrer. Não estando mais sujeitos á reincarnação em córpos mortaes, é para elles eterna a vida que passam 'n-o seio de Deos.

Gozam d'uma felicidade inalteravel, porque não são sujeitos nem ás necessidades, nem ás vicissitudes d'a vida material; não consiste, porêm, esta felicidade em uma *ociosidade uniforme passada em uma contemplação perpetua.* São elles os mensageiros e os ministros de Deos, cujas ordens executam para a conservação d'a harmonia universal.

Commandam a todos os Spiritos que lhes-são inferiores auxiliando-os em seo aperfeiçoamento, e lhes-assignam sua missão. Assistir os homens em suas miserias, induzil-os ào bem ou á expiação d'os erros qne os apartam d'a felicidade suprema, é para elles uma agradavel occupação. São designados, ás vezes, pel-os nomes de Anjos, Archanjos ou Seraphins.

Pódem os homens intrar em communicação com elles; muito presumpçoso, porêm, seria aquelle que pretendesse tel-os constantemente ás suas ordens.

SPIRITOS ERRANTES OU INCARNADOS.

N-o que diz respeito ás qualidades intimas, são os Spiritos de differentes ordens, as quaes percorrem elles successivamente à proporção que se-purificam. Quanto à *estado*, pódem elles ser *incarnados*, isto é, unidos à um corpo, 'n-um mundo qualquer; ou *errantes*, isto é desembaraçados d'o corpo material; ou esperando uma nova incarnacao, para melhorarem-se.

Os Spiritos *errantes* não formam uma categoria especial; é um d'os estados, em que se-pódem achar.

O estado *errante* ou *erraticidade* não constitue uma inferioridade para os Spiritos, visto como póde havel-os de todos os gráos. Todo o Spirito que não está incarnado, é, por isso mesmo, *errante*, com excepção d'os *Puros Spiritos* que, não tendo mais que passar por nenhuma incarnação, acham-se em seo estado definitivo.

Sendo a incarnação um estado transitorio, a *erraticidade* é, realmente, o estado normal d'os Spiritos, e similhante estado não é forçosamente uma expiação para elles; acham-se 'n-elle felizes ou infelizes, segundo o gráo de sua elevação, e segundo o bem ou o mal que já fizeram.

A Virgem e o Senhor

COMMUNICAÇÃO SPONTANEA

(Bahia: 1867. —Abril. 16.—Medium J. M.· · ·)

Eil-o que passa alêm, abrem-se as turmas,
Rompe-se a plebe de uma extrema á outra;
Todos bravejam, improperios roncam,
Roucas blasphemias vem ferir àos ares:
E 'n-essas gritas d'o atrevido pôvo
Nem uma hosanna, Senhor Deos, tu ouves.

Eil-o que passa,—'n-esse mar acérbo
De vis blasphemias e improperios crassos;
E o povo se-abre 'n-as columnas longas,
Aonde um echo de amorôso peito
Siquer ào menos suspirar se-ouve.

Sôltas as tranças, de coalhado sangue
Prendem-se fios de cabello ãos outros,
E as tranças sôltas vem pender-lhe longas
Por sobre as faces, que gotêjam sangue.

Agreste c'rôa de espinhaes agrestes
Cerca-lh'a fronte, que merece flôres;
Flôres celestes, que não murchem nunca:
Os pés descalços já tropeçam tanto,
Fracos, cançados d'esse andar tão longo!

Ai! que não aches uma sombra, ão menos,
Amiga e doce, que te-abrigue um'hora!
Ai! que não aches uma pedra um tronco
Aonde a fronte repousar tu possas:
E o Christo avante lá caminha sempre.

Rompem-se alas, esbraveja o pôvo,
Chovem coriscos d'esses labios de homens;
E elle—placido e tranquillo—avante
Sempre prosegue, qual serena veia,
Serena e quiéta juncto ão mar turbado:
E cruz pesada lhe-comprime os hombros,
Fazendo o côrpo sobre o chão tres vezes,
Por sobre as pedras vezes tres prostrar-se.

Meo Deos, ¿que fazes, onde existe agora
Tua fôrça ingente, teo poder tão grande?
Aonde a dextra, que dirige os mundos,
Que não impunha, 'n-a maldita villa,
A espada altiva d'o exterminio e morte?
Não!—É que a morte d'o Senhor d'os homens
Deve legar-nos:—redempção e vida!
E Elle olha para os Ceos tão limpos;
Dirige as preces de sua alma pura
Ao Padre Eterno, que d'os Ceos o-vela:

Senhor, ¿que fazes, já teos olhos brandos
Que sobre o espaço, sobre a terra e o mundo
Dirige as vózes d'o teo peito amigo...
Oh! já teos olhos sobre mim não cahem?
Senhor, perdôa, si 'n-o fragil barro

Minha alma poude corromper-se um dia!
E as doces phrazes que soltára a bôcca
De negro sangue já coalhado cheia,
Lá vão entregues ào voar d'as brisas
De écho em écho, resoando ào longe
Sem ter um peito que guardal-as possa!

Màs eis de repente,
Seo rôsto tão triste,
Aos traços d'as dôres
Seo rôsto resiste.

D'os labios lhe-pendem
Sorrizos em flôres,
D'os olhos—não pranto,
Nem mostras de dôres.

E juncto ào seo lado
Chórosa se-via
A Mãe d'o Deos forte,
A Virgem Maria.

Oh! quanto não são bellas suas faces
D'as perolas d'o pranto assim banhadas!
E essa côr tão branca d'os jasmins
Em logar d'essas rozas já fanadas!

Seos olhos, de humidez doce envolvidos,
Derramam frouxo, tibio e morto olhar;
E 'n-o peito arquejante não parece
Que possa mais a vida ahi pulsar.

E ella chega chorósa
Toda triste e pensativa.
E 'n-o seo rôsto scintilla
Os raios de uma fé viva.

Meo filho!... Seos labios soltam,
E querem... e não podem mais;
Que 'n-essa phraze sublime
Derramou-se o peito em ais!...

E o filho caminha... Distante já deixa
A mãe tão chorósa, que o-busca 'n-a queixa
De uma alma tão pia:
E a Cruz já se-hastêia 'n-o cimo d'o monte,
D'os homens lançando 'n-a pallida fronte
A luz, que os destinos d'a vida allumia.

E ella prosegue chorósa, inquieta;
Seos labios não podem palavras soltar;
Que o peito, de dores tão fundas oppresso,
Não sente mais dentro a vida pulsar.

Chegada ào termo que seos olhos viam,
E que sua alma já previa então;
Oh! que tormentos 'n-essas horas negras!
Oh! que tormentos de cruel paixão!

Chega essa hora já predieta ha muito.
Oh! que de horrores sobre o mundo então!
E' tudo trevas! Resussitam mortos
N-essas orchestras de infernal funcção!

Depois juncto á Cruz, 'n-o monte hasteada,
Tranquilla e chorosa somente se-via,
C'os olhos abertos, banhados de pranto,
A virgem Maria!

Luiz-Offenbach,

(Spirito-familiar d'o medium).

Inauguração d'o monumento de Allan Kardec.

A 31 de março ultimo pel-as duas horas d'a tarde um numeroso concurso de Spiritas silenciosos e tristes reuniam-se 'n-o *Père-Lachaise,* em tôrno d'o monumento levantado para honrar a memoria immorredoura d'o eminente fundador d'a philosophia spiritica; e os transeuntes paravam maravilhados diante

d'esse edificio, imponente por sua simplicidade, fallando àos olhos e á alma a linguagem d'os seculos desapparecidos, evocando a lembrança d'as antigas gerações que com seo culto e suas sepulturas consagraram as crenças achadas outra vez pel-o Spiritismo moderno.

E' que, effectivamente, a doutrina Spiritica ahi está toda inteira, e o pensamento inscripto sobre a pedra, attrahindo os olhares, penetra, profundamente, 'n-a intelligencia como uma verdade innegavel.

N-a base d'o busto lê-se:

ALLAN KARDEC,

Fundador d'a philosophia Spiritica.

Mais abaixo a epigraphe d'a ***Revista:***

> Todo o effeito tem uma causa. Todo o effeito intelligente tem uma causa intelligente, o poder d'a causa intelligente está 'n-a razão d'a grandeza d'o effeito.

Que demonstração mais concisa e mais concludente poder-se-hia dar d'a existencia e d'a grandeza de Deos?

Emfim as datas d'o nascimento e d'a morte:

31 de Outubro de 1804
31 de Março de 1869.

Sobre a face anterior d'a pedra tabular superior, lê-se:

Nascer,
Morrer,
Renascer ainda,
Progredir depois,
Perennemente:
TAL E' A LEI.

A pluralidade d'as existencias e a progressão indefinida, taes são, effectivamente as bases fundamentaes d'a philosophia Spiritica, as pedras angulares d'o edificio!...

O Spiritismo era dignamente representado por um numeroso concurso de Spiritas de Paris e d'as provincias.

Nenhum esquecera que 'n-o anno passado, em egual dia, um justo fôra procurar 'n-a erraticidade a sancção de uma vida de dedicação e de abnegação.

A crescida correspondencia havida por essa occasião é um testimunho irrecusavel de que, si Allan Kardec ha deixado de existir, materialmente, entre os homens, sua memoria e a lembrança de seos trabalhos vivirão, eternamente, 'n-o coração d'aquelles, à quem abriu elle, pel-o Spiritismo, os vastos horisontes d'a vida futura.

Como acima dissemos as provincias eram representadas por um certo numero de Spirìtas, que seos negocios tinham, temporariamente, trasido à Paris; citaremos entre outros o Sr. Guilbert, o digno presidente d'a sociedade spiritica de Ruão, e o Sr. Fortuné Gusman de Bône, um d'os mais devotados partidarios d'a vulgarisação de nossa philosophia 'n-a Algeria.

Muitos foram os discursos de circumstancia pronunciados sobre o tumulo. Entre os oradores que tomaram a palavra para exprimir, com a eloquencia d'o coração, os sentimentos de reconhecimento, e os testimunhos de gratidão d'os Spirìtas presentes ou ausentes citaremos: os Srs. Levent, Desliens, Leymarie e Guilbert.

N-a sessão geral d'a sociedade d'os estudos spiriticos foi tambem pronunciado um excellente discurso pel-o Sr. E. Bonnemère, presidente d'essa Sociedade.

Tendo o Sr. Guilbert tomado a palavra em nome d'os Spirìtas d'os centros remótos, publicàmos de preferencia esse discurso, reservando a publicação de todos os outros para o seguinte numero d'o Echo.

EM NOME

D'OS

Spirìtas d'os Centros remótos,

POR MR. GUILBERT,

Presidente d'a Sociedade Spirîta de Ruão.

Que vos-poderei dizer, senhôres, depois d'os eloquentes discursos, que acabaes de ouvir?

Bem pouco deixastes à mim para respigar 'n-este vasto campo fecundado pel-os trabalhos vigilantes d'aquelle, à quem devemos a benefica vulgarisação d'a doutrina spiritica.

Entretanto delegado d'os grupos de Ruão, devo em seo nome tomar a palavra, e julgaria faltar à um dever sagrado si eu vos não exprimisse aqui seos sentimentos de affeição e de reconhecimento para com a intelligencia abençoada que lhes-deu o pão d'a vida, e à quem devem elles a consagração de suas mais ardentes aspirações.

Devo fallar ainda em nome de todos os Spiritas d'os centros remotos, visto como tenho por minhas frequentes viagens estado em relações incessantes com a mór parte d'elles, e conhecido suas necessidades e seos desejos.

Preciso é, senhôres, ter, como eu, frequentado os spiritas isolados, ter sido testimunha de suas luctas laboriosas contra a opinião e os preconceitos enraizados de seos concidadãos para saber até que poncto chega sua veneração para com aquelle que elles consideram, com justo titulo, como o *maior vulto de nosso seculo.*

¿Não é, effectivamente, à Allan Kardec que devem elles a solidariedade que os-une todos; não é, graças à elle, graças à seos ensinos tão largos, tão comprehensiveis, que, elevando-se à cima d'os vãos obstaculos que 'n-este mundo os-separam, esqueceram o pequeno numero de cada grupo para, unicamente, lembraremse de que fazem parte de um exercito innumeravel, disseminado 'n-o universo e combatendo 'n-a terra e 'n-o espaço, contra o erro, contra a ignorancia e contra a superstição em pró d'a emancipação e d'a regeneração d'a humanidade?

Espigas esparsas e improductivas antes d'a vinda d'o mestre, com os poderosos effluvios espalhados por suas obras tornaramse elles os molhos fecundos e nutrientes d'o spiritismo humano, popularisando em roda de si as crenças, em que encontraram—satisfacção para suas aspirações mais intimas,—consolação para suas provanças e esperança 'n-o porvir.

Uns têem sido arrancados pel-o Spiritismo á duvida e á incredulidade, outros receberam d'elle a consagração e o desenvolvimento de suas crenças secretas; todos, graças à elle, acharam a luz onde para elles somente havia trevas, e a solução simples, logica, racional, de problemas, até então insoluveis, de incognitas contra as quaes a intelligencia d'o homem acabava de esbarrar, e que faziam-lhe duvidar d'a justiça, d'a bondade e até d'a existencia de Deos.

Si, porêm, têem elles pel-o Spiritismo adquirido sciencia e razão, satisfacção d'a intelligencia e d'o coração, não esqueceram que, si a riqueza material é um deposito, que se-deve re-

stituir ào pobres e à Deos, deviam tambem em virtude d'os principios de charidade, de solidariedade e de fraternidade, espalhar profusamente em redor de si as riquezas intellectuaes e moraes que souberam adquirir. E multiplicando-se continuamente essas riquezas inexgotaveis à proporção que as-prodigalisam, quotidianamente reunem-se ellas ào activo d'a humanidade, e concorrem para acelerar sua marcha interrompida para os destinos superiores.

Por minha vez vos-direi que, si o côrpo de Allan Kardec repousa sob esta pedra, seo Spirito mais d'o que nunca vive 'n-a erraticidade a grande vida d'as intelligencias escolhidas, multiplicando-se constantemente, indo à todas as reuniões fazer ouvir à cada um salutares conselhos, temperar o zelo prematuro d'os ardentes, ajudar os sinceros, estimular os tibios e flagelar os falsos irmãos. Como eu d'isso sabeis; màs o, que ignoraes, talvez, é a coragem, a perseverança, a firmeza que os spiritas d'os grupos isolados e d'os grandes centros adquirem em suas quotidianas relações com o eminente Spirito de Allan Kardec.

Terminando, comprazo-me em dizel-o aqui, são elles tambem hoje outros tantos apostolos infatigaveis, ensinando pel-a palavra e pel-o exemplo as sublimes verdades contidas 'n-as obras fundamentaes d'a philosophia spiritica.

Digna-te, pois, charo mestre, sustentar-nos sempre 'n-a lucta, dando à todos nós, à proporção que nos-soubermos tornar dignos, os sabios e prudentes conselhos que nunca nos-recusaste. Sob tua salutar influencia, certos d'o verdadeiro caminho que seguimos, marcharemos accordes para o poncto que miràmos, até que praza à Deos reunir-nos à ti, chamando-nos ào mundo d'os Spiritos; e lá como 'n-a terra, corajosamente combateremos, sob tua direcção para explorar os horisontes desconhecidos, percorrendo uma nóva estação 'n-a estrada d'o infinito.

Bibliographia.

Spiritisme Chrétien ou Révélation de la Révélation. Les Quatres Évangiles suivis des Commandements expliqués *en esprit et en Vérité* par les Évangélistes *assistés des Apôtres—Moise, recueillis et mis en ordre*

Par J.—B. Roustaing,

Avocat à la Cours impériale de Bordeaux, ancien bâtonnier.
Bordeaux, rue Ste. Simeon, 17.

Esta importantissima obra, em 3 volumes de 600 paginas cada um, foi publicada em Bordeaux em 1866; tinhamos apenas noticia de sua existencia; agora, porêm, tivemos a subida satisfacção de sermos honrado com a generosa offerta de um exemplar por seo muito distincto author, à quem, cordialmente, agradecemos essa alta próva de consideração. Os Spirítas VERDADEIROS encontrarão em sua leitura variadissimos ensinos de transcendental importancia e d'o mais perfeito accôrdo com a doutrina ensinada 'n-o Livro d'os Spiritos e 'n-o Livro d'os Mediuns.

Esta obra é de um trabalho considerabilissimo, porquanto pel-o concurso de admiraveis communicações medianimicas, sempre sustentadas, explica e interpreta os Evangelhos, capitulo por capitulo, verso por verso.

Esta obra extra-humana foi produzida pel-os Spiritos e por sua ordem publicada, como succedera com o Sr. Allan Kardec àcerca d'a organisação e publicação d'o Livro d'os Spiritos (Livre des Esprits). Eis o, que à respeito em seo prefacio diz o Sr. Roustaing:

....

Proseguia em meos estudos, minhas indagações e meos trabalhos, quando em Dezembro de 1861 convidaram-me para ir, —em casa d'a Senra. Collignon, à quem não tinha a honra de conhecer e à quem devia eu ser apresentado,—ver um grande quadro, medianimicamente desenhado, e que representava uma vista d'os mundos espalhados 'n-o espaço.

Fui vel-o;—e oito dias depois voltei para agradecer a Senra. Collignon a amabilidade, com que recebeu minha visita, feita 'n-o intuito de ver essa producção medianimica.

Após breve conversação, que versou sobre generalidades, como acontece entre pessôas que se não conhecem, e entre as

quaes não existem relações sociaes, ia retirar-me;—ào despedir-me, a Senra. Collignon sente 'n-a mão essa impressão e agitação fluidicas, mui conhecidas d'os mediuns, que indicavam a presença de Spiritos que queriam, spontaneamente, manifestar-se; tendo eu isso notado, e à meo pedido prestando-se ella à manifestação medianimica, immediatamente sob o impulso fluidico escreveu o SEGUINTE:

«A epocha actual é transitoria; os obreiros d'a destruição por toda parte esforçam-se por abater os antigos monumentos abalados em seos fundamentos; outros procuram construir monumentos nóvos onde as almas inquietas possam abrigar-se;—em geral, porêm, os, que *destruem*,—instrumentos inconscientes e irreflectidos,—não se-preocupam com o que deverá *substituir*;—os, que buscam construir não têem segurança d'as bases sobre que devem fundar o monumento d'o futuro; à vós Spirìtas é que incumbe reunir os materiaes esparsos,—escolher pedras sans destinadas à compor o edificio d'o futuro,—e cuidadosamente extirpar tudo quanto o tempo tem inutilisado,—e estabelecer os fundamentos d'o templo, onde a verdade terá seos altares, e d'onde a luz será por ella espalhada».

«Emprehendei o trabalho; os Spiritos indecisos fluctuam entre a duvida, que é semeada em seo coração, e a fé, de que elles necessitam;—seos olhos não podem discernir cousa alguma 'n-as trevas. de que se-acham cercados, e 'n-o horisonte procuram uma luz. que os-illumine e os tranquilise».

«Mostrae-lh'a; para elles desaparece a confiança 'n-os dogmas d'a Egreja; escapando-lhes esse apôio, prestae-lhes o apôio, sólido d'a revelação nóva».

« Vejam elles, finalmente, que Christo, essa nobre e grande figura que lhes-fôra mostrada, pairando sobre o mundo d'o alto d'a Cruz ignominiosa,—não é um mytho, não é uma lenda; e mostrae-lhes tambem que os véos em que foram envolvidos o-subtrahiram à suas vistas, deixando-lhes apenas ver uma fórma dubia, incapaz de satisfazer sua razão.»

«Mostrae-lhes a verdade 'n-aquillo que, commummente, olham como uma mentira, segundo a affirmação d'aquelles que regeitam os Evangelhos e o, que elles contêm.»

«Mostrae-lhes esses *milagres*, apregoados *machinalmente* por uns,—e negados *systematicamente* por outros,—*como actos ordinarios* seguindo o curso ordinario d'as leis naturaes, e cuja impossibilidade somente existe 'n-a ignorancia d'o homem à cerca d'essas leis».

«A vós, iniciadores d'a obra, pertence-vos preparar os meios, esperando que aquelle, que deve vir para traçar o caminho, comece sua obra».

«N-este intuito, queridos nossos, vimos fazer-vos emprehender a explicação, *em spirito e verdade*, d'os Evangelhos, que deve preparar a unidade d'as crenças entre os homens, e que podeis denominar: *a revelação d'a revelação*.»

«Os tempos são chegados, em que *«o spirito que vivifica»* deve substituir *«a letra,»* que produziu seos fructos segundo as phazes, e 'n-as condições d'o progresso humano, e que *agora* «mata.»

«Mãos á obra; trabalhae com zelo, perseverança, coragem e actividade; e não esqueçaes nunca que somente sois instrumentos de que serve-se Deos para mostrar a verdade; acceitae o, que Deos vos-dá, com simplicidade de coração e com reconhecimento; em vossos pensamentos e em vossos actos tende sempre humildade, charidade, abnegação, amor e dedicação para com vossos irmãos, e sereis sustentados e esclarecidos.»

«Quando estiverem recolhidos todos os materiáes, e que chegada fôr a occasião de fazer conhecer e publicar essa obra, que se-destina à reunir todos os dissidentes de boa-fé, ligando-os à um pensamento commum,—sereis prevenidos.»

Matheos, Marcos, Lucas, João, assistidos *d'os apostolos*.

Dezembro de 1861.

Depois d'este singular conselho *medianimicamente* escripto, o Sr. Roustaing faz as seguintes reflexões:

«Avista d'esta manifestação que, com o concurso d'o medium Mme Collignon, chamava-me à emprehender esse grande trabalho d'a revelação,—ambos fomos tomados de uma profunda surpreza, ào mesmo tempo misturada de alegria e de temôr;—temôr de não sermos nem capazes, nem dignos d'a tarefa, que nos-era destinada.

«Perguntei, immediatamente, quando deviam começar os trabalhos medianimicos; e foi-nos indicado que devia principiar 'n-a semana seguinte.

«Chamados assim a emprehender essa obra d'a revelação, que, certamente, não teriamos de motu-proprio emprehendido,—incapazes, ignorantes e cégos como eramos,—não o-teriamos feito sem a esperança de sermos sustentados e esclarecidos:—encetâmos o trabalho.

«A' proporção que a revelação se-adiantava, sentia minha alma cada-vez-mais tomada de admiração ào descobrir todas essas verdades—apresentadas àos homens, envoltas em taes mysterios que sua razão se-recusava crer em *tudo quanto lhes-era ensinado*.

«Então entreguei-me inteiramente ás mãos de Deos,—dizendo: «Meo Deos, disponde de vossa creatura;—sou vosso e vos «pertenço,—meo coração, meo tempo, minha razão d'ora em «diante estão consagrados à vosso serviço;—feliz, meo Sobera«no Mestre, si, apezar de minha fraqueza, poder ser um provei«toso instrumento que para vós possa conseguir o amor,—o res«peito,—e o coração de nossas creaturas.»

«Haviamos chegado á explicação d'a parabola d'o mancebo rico, e ào verso d'essa parabola que diz: «*e amae vosso proximo como a vós mesmo.*» (*Math.* XIX—19),—quando foram espontanea e medianimicamente ESCRIPTAS ESTAS PALAVRAS.

«Depois que vos-tiverem sido dados todos os esclarecimentos *sobre os Evangelhos*,—vos-faremos emprehender um trabalho especial *sobre os mandamentos*,—Decalogo, (*Exodo*, cap. 20);—amor de Deos e d'o proximo (*Deuteronomio*. cap. VI, v. 4-5; *Levitico*, cap. XIX, v. 18; Matheos, XXII, v. 28-31; Lucas, X, v. 25-28 e 29-37;)—trabalho que publicarei em continuação ào feito *sobre os Evangelhos*.»

MOYSÉS, MATHEOS, MARCOS, LUCAS, JOÃO, ASSISTIDOS *d'os apostolos*.

Em maio 1865, quando já se-achavam recolhidas todas as explicações e interpretações sobre os Evangelhos e os Mandamentos, recebeu o Sr. Roustaing pel-o mesmo modo,—espontanea e medianimicamente, o conselho de publicar essa admiravel obra, e que se-acha 'n-o mesmo prefacio pag. XXV à XXX.

Estes tres volumes, contendo a explicação e a interpretação d'os quatro Evangelhos e os Mandamentos, constituem apenas a primeira parte d'a obra geral; 'n-a carta que o Sr. Roustaing honrosamente nos-dirigiu dá-nos os seguintes esclarecimentos:

«Mais tarde e quando fôr *epontaneamente* avisado, publica«rei a segunda parte, que está em curso de execução, e com«por-se-ha d'os *Actos d'os Apostolos d'as Epistolas* e d'o *Apocaly«pse d'o apostolo S. João*, explicados *em spirito e verdade*; e *d'es«t'arte* será levantado, por ordem de Deos e por intermedio de «seos spiritos superiores, os Evangelistas, os Apostolos e Moysés, «o edificio inteiro d'o Novo-testamento explicado, integralmen«mente, *em spirito e verdade*.

«Esta segunda parte, com a segunda edição d'a primeira, se-

«rá publicada unicamente depois que os grandes acontecimen-
«tos que Deos prepara 'n-a ordem politica, social e religiosa, se-
«tiverem produzido 'n-a Europa; acontecimentos esses que hão
«de repercutir em toda a terra.»

Sem a leitura e conhecimento previos d'o Livro d'os Spiritos e d'o Livro d'os Mediuns não se-poderá ter a verdadeira intelligencia dos «Quatro Evangelhos explicados em Spirito e verdade, e por isso recommendâmos a leitura d'essas duas obras fundamentaes d'a doutrina spiritica.

O Sr. Roustaing, spirita sério, tem a probidade d'a franqueza e a virtude d'a abnegação; em sua estimavel e honrosa carta, que acompanhou sua tão valiosa offerta, assim se-exprime:

« Publicando essa obra, que *não emana de mim*, e para cuja
« realisação tenho sido, sou e continuarei à ser apenas um ins-
« trumento, *somente* tive e continúo a ter um incentivo e um
« fito—a diffusão d'a luz e d'a verdade, o progresso moral
« e intellectual d'a humanidade com o desinteresse mais
« absoluto. »

Recommendâmos portanto a todos os Spiritas serios a leitura d'essa obra incontestavelmente de um merito real; 'n-ella encontrarão à par de algumas ensinos que, segundo a opinião authorisada d'o Sr. A. Kardec, necessitam d'a verificação geral d'os Spiritos, e portanto dependentes de sancção futura, ensinos e desenvolvimentos em inteiro accordo com os principios fundamentaes d'a doutrina spiritica.

As pessoas que facilmente quizerem obter essa obra, deverão aproveitar-se d'o seguinte aviso:—Enviando um saque de 10 fr. 50 c. sobre o correio de Bordeaux *em favor de Mr. J.—B. Roustaing, avocat à la Cour imperiale, ancien batonnier, rue St. Siméon*, 17, receber-se-ha, livre de qualquer outra despeza, essa importantissima obra.

LUIZ-OLYMPIO.

VARIEDADE

O Futuro d'o Spiritismo

(Lyon: 1862—Septembro, 21.—Medium, Mme. B * *)

Perguntas-me qual será o futuro d'o Spiritismo, e que logar occupará 'n-o mundo? Digo-te que elle não occupará somente um logar, encherá o mundo inteiro. O Spiritismo está 'n-o ar, 'n-o espaço, 'n-a natureza. E' a chave d'a abobada d'o edificio social; por seo passado e seo presente podes presagiar de seo futuro. O Spiritismo é a obra de Deos; os homens deram-lhe um nome; Deos deu-lhes o pensamento, quando chegado foi o tempo; porque o Spiritismo é a lei immutavel d'o Creador. Dêsde que o homem teve a intelligencia, Deos inspirou-lhe o Spiritismo, e de epocha em epocha ha enviado á terra Spiritos adiantados, que ensaiaram sobre as naturezas corpóreas a influencia d'o Spiritismo. Si esses homens não acertaram, foi porque a intelligencia humana não estava assás aperfeiçoada; màs a ideia não foi menos implantada por elles, e atrás de si deixaram seos nomes e seos actos, como 'n-uma estrada colloca-se um marco indicador, para que o viandante encontre seo caminho. Olha para traz, e verás quantas vezes Deos tem já ensaiado a influencia spiritica como melhoramento moral.

O, que era ha desoito seculos o Christianismo sinão o Spiritismo? A differença só está 'n-o nome, màs o pensamento é o mesmo. Somente o homem, com seo livre arbitrio, ha desnaturado a obra de Deos. A natureza tem sido preponderante, e o erro tem vindo implantar-se 'n-essa preponderancia. O Spiritismo tem-se esforçado depois por germinar; o terreno, porêm, estava inculto, e a semente esmigalhou-se e cahiu 'n-a fronte d'os semeadores, à quem Deos encarregára de espalhal-a. Com o o tempo a intelligencia tem medrado, o campo tem podido ser arroteado, porque aproxima-se o tempo, em que de-nôvo esse terreno deve ser semeado. O Spiritismo espalha-se; cada-qual o-admitte; até os mais incredulos o-comprehendem; e si o não confessam, si fecham os ólhos, é porque a luz deslumbrante d'o Spiritismo os-cega: màs Deos protege sua obra; sustenta-a com seo poderoso olhar; alenta-a; e em breve todos os póvos serão Spirîtas, porque 'n-isso consiste a universalidade de todas as crenças.

O Spiritismo é o grande nivelador que se-avisinha para aplainar todas as heresías; é conduzido pel-a sympathia, é seguido pel-a concordia, pel-o amor, pel-a fraternidade; aproxima-se sem commoção, sem revolução; nada vem destruir, nada vem derribar 'n-a organisação social, tudo vem reatar. Uma contradicção ahi não vês: os homens, tendo-se tornado melhores, sonharão leis melhores; o mestre comprehendendo que o operario é d'a mesma essencia que elle, introduzirá em suas transacções commerciaes leis mais brandas e mais prudentes; as proprias relações sociaes se-transformarão mui naturalmente entre a fortuna e a mediocridade; não podendo o Spirito constituir-se em morgado, o Spirita sentirá que ha outra cousa para elle mais importante d'o que a riqueza; desembaraçar-se-ha d'esse pensamento de accumular, que engendra a cubiça, e, sem-duvida, ainda o pobre se-utilisará d'essa diminuição d'o egoismo. Não venho dizer-te que não haverá rebeldes à essas idéas, nem que todos medrarão, universalmente, fecundados pel-a onda d'o Spiritismo, não; pel-o contrario haverá ainda refractarios, anjos decahidos; porque os homens tem seo livre arbitrio, e, bem que lhes não faltem os conselhos, muitos unicamente vendo de um poncto de vista seo, que restringe o horizonte d'a cubiça, não quererão render-se á evidencia. Infelizes d'esses! Lastimae-os, esclarecei-os; porque não sois seo juiz, e somente Deos é senhor de censurar sua conducta.

Pel-o futuro, que te-mostro para o Spiritismo, podes julgar d'a influencia, que exercerá elle sobre as multidões. Como, moralmente fallando, sois organisados? Já fizestes uma estatistica de vossos defeitos e de vossas prendas? Uma bôa parte de vossa terra é povoada de homens leviãnos e neutros; e d'os benevolentes ha maioria? E' duvidoso; màs entre os neutros, isto é, entre os, que têem um pé 'n-a balança d'o mal, muitos podem pôr ambos os pés 'n-essa concha de benevolencia, que é o primeiro degráo, que, rapidamente, conduz ás mais elevadas regiões. Ha tambem sobre o glôbo uma parte de sêres máos, màs ella tende à, quotidianamente, diminuir. Quando estiverem os homens bastante persuadidos d'este pensamento:—A pena de talião é a lei immutavel que Deos inflinge àos homens,—lei muito mais terrivel, d'o que as mais terriveis leis d'a terra, muito mais espantosa e mais logica, d'o que as chàmas eternas d'o inferno, em que mais não crêem;—elles terão medo d'essa reciprocidade de penas, e, antes de commetter um acto censuravel, o-examinarão por mais de uma vez. Quando pel-a mani-

festação spiritica puder o criminôso prognosticar a sorte que o-espera, recuará ante o pensamento d'o crime, porque saberá que Deos vê tudo, e que embhora ficasse o crime impune sobre a terra, um dia lhe-será preciso pagar caro essa impunidade. Então todos esses flagicios odiósos, que de quando em quando vem imprimir seo sinête indelevel 'n-a fronte d'a humanidade, desaparecerão para dar logar á uma concordia, á uma fraternidade, pregadas ha muitos seculos; a moderação em vossas leis será 'n-a razão d'o melhoramento moral, e a escravidão e a pena de morte subsistirão 'n-ellas similhantes á lembrança d'as torturas d'a inquisição. Assim regenerado poderá o homem occupar-se mais de seo progresso intellectual; não existindo mais egoismo, as descobertas scientificas, que quasi sempre exigem o concurso de muitas intelligencias, se-desinvolverão rapidamente, dizendo cada-um comsigo mesmo:—« Que importa aquelle, que produz o bem, com tanto que o bem se-produza! » E, effectivamente, quem o mais d'as vezes detêm vossos sabios em sua marcha ascendente para o progresso, sinão a personalidade, e a ambição de ligar seo nome á sua obra? —Eis-ahi qual o futuro, e qual a influencia d'o Spiritismo sobre os póvos d'a terra.

Um philosopho d'o outro mundo.

(*Extrahido d'a—Revue Spirite de Paris*, 1863.)

Aos senhores assignantes, e àos nossos collegas d'alêm-mar

Com este numero termina o primeiro anno d'o—*Écho d'Alêm-Tumulo*—, e cordialmente agradecemos àos senhores assignantes a valiosa coadjuvação, que nos-prestaram para que o *Écho*, esse humilde annunciador d'a consoladora e regeneradora doutrina d'o Spiritismo podesse abrir caminho por entre as cerradas cohortes de seos systematicos adversarios, mostrando àos, que não fecham os olhos, nem cerram os ouvidos, á luz d'a verdade que *o Spiritismo é a dignidade d'o Spirito, como as sciencias physicas são a dignidade d'a materia.*

Com toda a effusão d'o reconhecimento temos o prazer de render nossos cordiaes agradecimentos ào nossos esforçados companheiros 'n-a difficil, màs gloriosa, tarefa de propagar as novas idéas,—que mais tarde têem de, indefectivelmente, inaugurar a éra nóva d'a humanidade,—a amabilidade, com que se-dignaram de honrar o *Écho*, não só annunciando sua existencia, como enviando-nos em tróca seos muito apreciaveis e conceituados jornaes, exclusivamente dedicados á propagação d'o Spiritismo.

Temos, pois, recebido os seguintes periodicos:—*Revue Spirite*, Paris; *Le Spiritisme à Lyon*, Lyon; *Human Nature*, Londres; *The Universe*, New-York; *El Criterio Espiritista*, Madrid; *Revista Espiritista*, Barcellona; *El Espiritismo*, Sevilha; *La Voce di Dio*, Catania (Italia); *La Salute*, Bolonha (Italia).

O *Écho* tem sido, regularmente, enviado à todas essas Redacções.

Errata

N-o n. 5—Março de 1870, pag. 208, linhas 14 e 40 e pag. 210, linha 1.ª, em logar de: *Pan*, lêa-se: *Pau*.

N-a pag. 220, linha 1.ª, em logar de: *ainda quando ella não estivesse sempre*, etc., lêa-se: *quando ella propria nem sempre está*, etc.

N-a pag. 221, linha 11, em logar de: *o futuro não é mais um facto positivo*, lêa-se: *o futuro não é mais uma esperança vaga, é um facto positivo*, etc.—N-a linha 15 e 16, em logar de: *inherentes ào gráo de perfeição*, etc., lêa-se: *inherentes ào gráo de perfeição e de imperfeição*, etc.—N-a linha 38, em logar de: *realidade para*, etc., lêa-se: *realidade e sua necessidade para o progresso*.

N-a pag. 222, linha 20, em logar de: *contem a subjeição*, lêa-se: *contra a subjeição*.—N-a linha 22, em logar de: *o facho*, lêa-se: o *facto*.—N-a linha 34, depois d'a palavra: *organisada*, lêa-se: *sem objecto*, etc.

N-a pag. 224, linha 9, em logar de: *pel-o materialismo natural*, etc., lêa-se: *pel-o materialismo, porque elles se-prendem á spiritualidade, qualificados por outros de milagres ou sortilegios, segundo as crenças. Taes, entre outros, são os phenomenos d'a dupla vista, d'a vista em distancia, d'o somnambulismo natural e artificial*, etc.

DECLARAÇÃO

O Escriptorio d'a Redacção d'o *Écho d'Além-Tumulo* acha-se transferido para a—Ladeira d'a Fonte-d'as-Pedras:—n.º 25.